C.D.U. 92 FREYRE CG&S

CASA-GRANDE & SENZALA: BIOGRAFIA DE UM LIVRO (*)

Edson Nery da Fonseca
Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

A palavra *biografia*, no título deste ensaio, não é tão metafórica quanto parece. Pois como as criaturas humanas, os livros — criaturas do reino cultural — são concebidos ou gerados, nascem com a redação e se revestem da forma gráfica, recebem instrução e influências — consubstanciadas em correções, acréscimos e atualizações — possuem números de identificação e registro, projetam-se na sociedade, através de sucessivas edições e, eventualmente, de traduções para outros idiomas, são aplaudidos ou atacados, consagrados ou incompreendidos; como os homens que os produzem, pode acontecer com certos livros o que Manuel Bandeira definiu como *a morte absoluta:* "morrer tão completamente que um dia, ao lerem o teu nome num papel, perguntem: quem foi?"; mas, também como certos homens que "por obras valerosas se vão da lei da morte libertando", há livros imortais, como aqueles de que Platão falava a Fedro: os que, com suas sementes, produzem novas sementes em outras almas (81, p. 140). (x)

Neste ensaio, procurou-se acompanhar a biografia de *Casa-Grande & Senzala* — referida no texto pela abreviatura *CG&S* — desde sua concepção — precedida por antecedentes remotos de que o próprio autor não tinha consciência — até o ano em que completou o chamado Jubileu de Esmeralda.

(*) Trabalho classificado em 1.º lugar no concurso promovido pelo IJNPS, em comemoração ao 40º aniversário da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, do sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre e patrocinado pelo BANCO DO ESTADO DE PERNAMBUCO — BANDEPE.

(x) Os números indicam os trabalhos referenciados no fim do texto.

Trata-se, portanto, de uma biografia necessariamente inacabada, pois quarenta anos é muito pouco na existência de uma obra que já foi comparada, por críticos nacionais e estrangeiros, a *Guerra e Paz* e ao *Dom Quixote*.

Tentando explicar a gênese de *CG&S*, procurou-se evitar tanto as teorias "inspiracionistas" ou "casualistas" — aquelas que vêem na criação científica e artística o resultado de uma inspiração ou do acaso — como o determinismo sociológico ou o "comunitarismo" de que fala Jacques Brill: aquele segundo o qual "l'activité créatrice apparait essentiellement comme une activité spécifique de l'individu socialisé, c'est-à-dire doté de son héritage génétique et culturel d'une part, soumis aux contraintes multiples issues de l'état d'extension et de concentration de l'espèce d'autre part" (65, p. 15[illegible]). O mérito do ato criador pertence, assim, para uns ao Espírito Santo ou ao acaso e, para outros, à comunidade da qual o autor seria simples produto.

O inspiracionismo seria desmoralizado pela conhecida fórmula de Thomas Edison: "Invenção: 1% de inspiração e 99% de transpiração" (80, p. 164). Em artigo recente sobre o assunto, dois psicólogos da Universidade de Lund (Suécia) observam que "this 'perspiration' that follows the 'inspiration (idea-cognition) can be a most trying period" (75, p. 201).

Na poesia e na própria música a inspiração foi contestada por dois autênticos criadores: Edgar Allan Poe e Igor Stravinski. Do primeiro é o conhecido ensaio no qual demonstrou como seu famoso poema *The Raven* foi composto "with the precision and rigid consequence of a mathematical problem" (82, p. 979). E numa palestra sobre a composição em música, disse Stravinski: "Inspiração, arte, artista — tantas palavras obscuras que nos impedem de ver claramente num campo em que tudo é equilíbrio e cálculo, através dos quais se sente o sopro da respiração do espírito especulativo. É depois, só depois, que a perturbação emotiva, que está na raiz da inspiração, pode surgir" (84, p. 69).

É fácil identificar nos trechos mais inspirados de *CG&S* que eles sucederam, em vez de preceder, o árduo trabalho de pesquisas em bibliotecas e arquivos, completado por observações colhidas em muitas viagens. Aos que procuram apresentar esta obra como simples consequência da formação universitária do autor, podemos perguntar onde estão os outros livros produzidos pelos que tiveram formação idêntica. A própria Universidade de Columbia do tempo de Franz Boas não produziu muitos autores da categoria de Gilberto Freyre. Como os Freyre, as Margaret Mead e as Ruth Benedict não são comuns.

O exemplo de *CG&S* é dos que repelem as explicações unilateralmente exclusivistas, exigindo um *approach* abrangente. Sua história é complexa e pede uma biografia antes psicológica do que linearmente

cronológica. Neste ensaio, procurou-se enquadrar a concepção, a gestação, a formulação explícita, a redação, a publicação e a projeção nacional e internacional da obra na perspectiva sóciodinâmica proposta por Abraham Moles em *Sociodynamique de la culture* (79) e *La création scientifique* (80).

1 TEMPO DE CONCEPÇÃO

"Os semantemas não coincidem com as palavras, mas com funções mentais elementares amiúde recobertas por palavras ou expressões, mas das quais o espírito às vezes não tem consciência muito clara embora manipulando-as. Constituem o 'mobiliário' do cérebro do pesquisador e portanto são o produto de sua educação, de sua cultura, de seus conhecimentos, de seu aprendizado das situações, são a soma do que recebeu" — Abraham A. Moles (80, p. 60-61).

1.1 INFLUÊNCIAS

Seja-nos permitido começar parafraseando o próprio livro cuja história vamos acompanhar neste ensaio. *CG&S* começa com esta proposição que o autor desenvolve e comprova ao longo do primeiro capítulo: "Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical" (4-0, p. 4). (*)

Quando em fins de 1930, durante seu exílio em Lisboa, Gilberto Freyre pensou pela primeira vez em escrever *CG&S*, já foi depois de demonstrada sua aptidão para fazê-lo, através de antecedentes remotos e imediatos. Na gênese de qualquer obra — científica, literária, musical ou plástica — é possível distinguir diversas etapas, classificadas por Abraham Moles em dois *tempos:* o de concepção *(temps de conception)* e o de enformação *(temps d'emballage)* (79, p. 82-87).

Um livro como *CG&S* — como o processo histórico, sociológico e antropológico nele estudado — não poderia ser fruto de uma improvisação. Que ninguém se engane com o tempo relativamente curto em que a obra foi escrita. Thomas Edward Lawrence confessou que escrevera *The Seven Pillars of Wisdon* em cerca de três meses (74, p. 263). Mas quantos anos foram necessários para concebê-la e estruturá-la mentalmente! "It is not always possible to travel backward through the blur of years and remember the exact moment when a work of fiction was conceived", diz Irving Wallace em palavras que se aplicam a qualquer obra e não apenas às de ficção (88, p. 9).

(*) Salvo indicação em contrário, as citações de *CG&S* baseiam-se na última edição brasileira.

Nenhum autor, por mais genial, pode subtrair-se às influências, como salientou André Gide em *Pretextes* (73, p. 7). Na formação intelectual de Gilberto Freyre, distinguiremos aqui as influências gerais daquelas que atuaram diretamente na concepção de *CG&S:* a de Oliveira Lima e a de Franz Boas.

1.1.1 OLIVEIRA LIMA

Antes de se estabelecer definitivamente em Washington, Oliveira Lima residiu cerca de cinco anos em Pernambuco.. Foi o que Barbosa Lima Sobrinho chama de seu "interlúdio pernambucano" (63, p. 121): de 1916 a agosto de 1920. Nessa época ele já formava, com Rio Branco e Capistrano de Abreu, "a trindade mais bem preparada da historiografia brasileira", como observa José Honório Rodrigues (83, p. 84).

Autor de obras fundamentais — como *Pernambuco — seu desenvolvimento histórico* (1895), *D. João VI no Brasil* (1908), *O Reconhecimento do Império* (1901), *Formation historique de la nationalité brésilienne* (1911) e muitas outras — ainda colaborava em jornais do Rio de Janeiro e do Recife, abordando assuntos literários, artísticos, históricos e políticos, envolvendo-se em debates de âmbito internacional, nacional, estadual e até municipal. "Sua influência" — informa Barbosa Lima Sobrinho — "era grande, como animador de movimentos literários" (63, p. 122).

Aluno de um colégio do Recife, Gilberto Freyre havia lido a obra do grande pernambucano e acompanhava com entusiasmo sua atividade jornalística. Havia grande número de poetas e romancistas no Recife da época, mas no jovem colegial já se antecipava o desdém pelo beletrismo que marcaria toda sua vida de escritor. Seu mestre era o intelectual mais voltado para a pesquisa e para o ensaísmo do que para a ficção e a poesia, embora não fosse, de modo algum, destituído de gosto artístico e sensibilidade literária.

Em 1917, o jovem Gilberto Freyre não se contém e vai visitar Oliveira Lima. A visita está magnificamente recordada no prefácio das *Memórias*, livro póstumo do historiador: "Conheci Oliveira Lima em 1917, eu ainda menino de colégio no Recife, e ele e Dona Flora morando em Parnamirim, num sobrado que já não existe. Um sobrado velho e tristonho no fundo de um sítio bem pernambucano, cheio de mangueiras e de jaqueiras".

"Foi aí" — continua — "que fui um dia visitar o historiador de *Dom João VI no Brasil*. Quando a criada me perguntou quem eu era, fiz-me de importante e disse: 'Diga que é um estudante'. Mas era um simples colegial tão pálido e sem importância que não sei como tive tamanha coragem. Fiquei cinco minutos à espera do grande homem. Cinco minutos pensando em frases bonitas para lhes dizer. Foi quando

ouviu-se um barulho na escada, como no poema de Carlos Drummond de Andrade; e Oliveira Lima apareceu na sala, gordo e imenso. Um gigante. Mas me tratou como se eu fosse um estudante e não um colegial. Desde esse dia ficamos amigos. E não me lembro de mestre nenhum, exceto Boas, que viesse a exercer influência tão poderosa sobre a minha formação, inclusive sobre os estudos em que me especializaria: os do patriarcado rural e da miscigenação no Brasil" (12, p. 67).

Não creio seja necessário acrescentar mais nada a um reconhecimento de influência tão sincero; essa influência poderia ser estatisticamente demonstrada, em termos de teoria da informação, se procurássemos na obra de Oliveira Lima os semantemas que compuseram a *mensagem* de *CG&S*. Abraham Moles fala da "possibilidade de uma medida, em base estatística, da originalidade das Mensagens, portanto da originalidade do Texto que resumirá ulteriormente a Invenção *se*, no mínimo, soubermos apreciar a freqüência subjetiva dos elementos que vão compor a Mensagem, isto é, dos Semantemas, em uma cultura dada" (80, p. 60). Tal demonstração, entretanto, está fora dos objetivos deste ensaio.

A diferença entre a obra de Oliveira Lima e a de Gilberto Freyre não invalida nossa tese, sendo pertinente distinguir, a propósito, *influência* de *imitação* ou pastiche. O fenômeno da influência é muito mais complexo do que o da simples imitação. A influência do próprio Gilberto Freyre o comprova, na medida em que se exerce ou alcança não apenas cientistas sociais, mas pesquisadores de variadíssimas especializações e até médicos, arquitetos, pintores e compositores.

1.1.2 FRANZ BOAS

A influência do notável antropólogo está assinalada no prefácio à primeira edição de *CG&S* com estas palavras significativas: "O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares" (4-0, p. 1vii).

Com o autor de *The Mind of Primitive Man*, Gilberto Freyre aprendeu "a considerar fundamental a diferença entre *raça* e *cultura*" e "a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio" (4-0, p. 1vii-1viii). Todo o plano de *CG&S* se baseia "neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura" e de "diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família" (4-0, p. 1viii).

Em 1940, Gilberto Freyre recordaria outra lição de Franz Boas, esta de natureza mais filosófica do que antropológica, ou de antropologia filosófica: a de precaver-se o pesquisador contra o logicismo e o cientificismo indiferentes aos aspectos irredutivelmente não lógicos e não racionais da natureza humana. Lição de humanismo científico que impregnaria toda a obra do autor de *CG&S* (12, p. 66). Note-se que apesar de ter sido um pesquisador "intransigentemente científico e fortemente lógico nos seus métodos", Franz Boas completaria sua obra antropológica com a filosofia política de *Anthropology and Modern Life*, publicada em 1929.

Em comovido artigo publicado após a morte de Boas, ocorrida em 1942, Gilberto Freyre recordou que o mestre, "sem a menor demagogia no gesto ou na voz, fleugmático e às vezes álgido, comunicava, entretanto, aos seus alunos uma espécie de sentido político ou humanista da antropologia — é claro que sentido político ou humanista acima de partidos; de ideologias e de doutrinas". E acrescentou: "Foi o maior dos mestres que encontrei na vida" (13).

1.2 ANTECEDENTES REMOTOS

1.2.1 DISCURSO DE ADEUS AO COLÉGIO

Escreve Barbosa Lima Sobrinho que o aspecto mais simpático da fase pernambucana de Oliveira Lima "foi o da sua identificação com os meios estudantis. Os moços o compreendiam, e o amavam, sentindo-se solidários com as suas causas e os seus ideais. Era convocado para presidir sessões estudantis. Para falar em suas festas" (63, p. 123-124).

Uma dessas festas foi a de formatura do Colégio Americano Gilreath, em novembro de 1917. Concluído o curso de humanidades, Gilberto Freyre é escolhido orador da turma que, por sugestão sua, convida Oliveira Lima para paraninfo. Publicado no *Diário de Pernambuco* e em folheto impresso no próprio Colégio, o discurso foi reeditado em 1941, no livro *Região e Tradição*.

Não parece o trabalho de um adolescente de 17 anos. Há nele conceitos que revelam um amadurecimento prematuro. Condena o excesso de "palavras sutis e fórmulas livrescas" dos que, no Brasil, tornam-se governadores, ministros e até presidentes da República — uma República de bacharéis e doutores fabricados pelas academias de Direito: "Essa nata de bacharéis fica a boiar na superfície da vida brasileira como uma coisa estranha, artificial, indiferente às necessidades da nação" (12, p. 75).

"Verdadeira praga de gafanhotos" — continua — "têm sido para o Brasil essas centenas de bacharéis filosofantes e palreiros, arvora-

dos em dirigentes" (12, p. 76). E mais adiante: "É tempo do Brasil desapegar-se das fórmulas vagas, procurando *ver* e *observar* os seus problemas em vez de ater-se ao que está escrito nos livros estrangeiros" (12, p. 77, grifos nossos).

Ele próprio daria o exemplo, recusando-se a fazer, como todo brasileiro letrado, o curso de Direito e seguindo para os Estados Unidos, onde obteria o grau de Bacharel em Artes na Universidade de Baylor e o de Mestre na Universidade de Columbia. Sua maior preocupação, enquanto estudante de graduação e pós-graduação, foi a de compreender o Brasil e compreender-se a si mesmo, como homem, em geral, e brasileiro, em particular. Em carta dessa época, escrita à grande poeta e sua amiga Amy Lowell, ele fala da grande impressão que lhe causou a leitura das *Confessions of a Young Man*, de George Moore, e do seu plano de publicar um livro que se intitularia *I and Others*. Seria — esclarece — um livro de "criticism of life and literature" (1).

A evolução desse projeto de mocidade para *CG&S* não deve causar estranheza. Como dizia o velho índio entrevistado pelo antropólogo Carlos Castaneda, "when a man starts to learn, he is never clear about his objectives. His purpose is faulty; his intent is vague" (67, p. 79). O que Gilberto Freyre logo percebeu foi a necessidade, para melhor compreender-se, de compreender o Brasil. Assim, o livro antes planejado como auto-análise transformou-se em interpretação de todo um povo. Um livro do qual podemos dizer, parafraseando Walt Whitman: quem toca nestas páginas toca no Brasil.

1.2.2 DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dos antecedentes remotos de *CG&S* até agora examinados é evidente que Gilberto Freyre não havia ainda tomado consciência e se constituíam naquilo que Abraham Moles chama de *"mobiliário* do cérebro do pesquisador" (80, p. 60). São influências indiretas ou oblíquas. Na dissertação de mestrado temos como que o primeiro esboço de *CG&S*. Não ainda com as proporções e a estrutura que esta obra teria, mas apresentando nítidos sinais de antecipação. Quase uma *nota prévia*, embora não intencional.

Sente-se, na verdade, lendo o original inglês da dissertação, a presença do futuro autor de *CG&S*, menos pelo assunto do que pela empatia da abordagem. Como Velasquez no quadro célebre, o autor colocou-se como objeto de sua análise, como intérprete e interpretado; pela multiplicidade de métodos e de perspectivas — a histórica, a sociológica, a antropológica, a psicológica, a econômica, a jurídica, etc. — e pela utilização pioneira de uma documentação até à época desconhecida ou desprezada: documentação textual, iconográfica, musical e até tridimensional.

Apresentada à Faculdade de Ciência Política da Universidade de Columbia, em 1922, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de "Master of Arts", a dissertação procura fixar a vida brasileira dos anos de 1848 a 1864. Tais datas, entretanto, apenas procuram atender exigências universitárias de especificidade temática. Como sociólogo e antropólogo, o autor desde cedo compreendia que as instituições sociais e de cultura nem sempre coincidem, em seu desenvolvimento, com a rigidez cronológica da história política. Note-se, a propósito, que a expressão Ciência Política, no título de uma faculdade norte-americana da época, compreendia todas as ciências sociais: inclusive a Economia e o Direito.

A identificação do autor com o assunto é logo revelada no preâmbulo, quando ele informa que seu objetivo é tentar "to make clear to myself what the Brazil of the middle of the nineteenth century was like" e confessa: "In a way, the preparation of it, was unconsciously begun years ago when, as a child, I used to ask questions to my grandmother about the 'good old days'." (2)

Reconhecendo as dificuldades decorrentes dessa identificação, ele informa também que procurou neutralizar seus possíveis preconceitos — com a larga utilização de documentos consultados na biblioteca particular de Oliveira Lima: periódicos, litogravuras, manuscritos, livros de viagens e diários pessoais.

Em sua maior parte, as teses e dissertações como que jazem, esquecidas, nas bibliotecas universitárias. Somente a partir de 1938 é que elas vêm tendo maior divulgação, através do periódico *Dissertations Abstracts International,* publicado pela Xerox University Microfilms. A de Gilberto Freyre, entretanto, foi imediatamente acolhida pela *Hispanic American Historical Review,* na qual apareceu ainda no ano de 1922 (2-A). É nessa importante publicação que surge pela primeira vez, como epígrafe, a observação dos irmãos Goncourt citada no prefácio da primeira edição de *CG&S:* "L'histoire intime: c'est roman vrai que la posterité appelera peut-être l'histoire humaine" (2-A, p. 597).

Explica-se o interesse dos meios universitários dos Estados Unidos pela dissertação do graduado brasileiro. Ela fugia aos padrões convencionais dos trabalhos acadêmicos pela expressão literária, pela segurança das observações e — *last but not least* — pela documentação indicada, na qual se destacam, além de manuscritos e depoimentos pessoais, periódicos e gravuras, uma bibliografia plurilingüe. O desconhecimento de línguas estrangeiras, sobretudo neolatinas, é muito comum entre mestres e doutores norte-americanos. E na bibliografia de "Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century" há livros em português, francês e italiano: e não apenas em inglês.

Na aparente dispersão de observações sobre a vida social do Brasil na época estudada, nota-se um fio de Ariadne: a preocupação em

mostrar a história íntima do brasileiro — senhores e escravos — do nascimento até a morte. Esse fio de Ariadne reaparece no ensaio escrito para o *Livro do Nordeste*, como veremos a seguir.

1.2.3 LIVRO DO NORDESTE

Concluído o curso de mestrado em Columbia, segue Gilberto Freyre para a Europa, a fim de continuar, devidamente orientado pelo professor Franz Boas, seus estudos de antropologia. Visita a França, a Alemanha, a Bélgica e a Inglaterra, demorando-se em Oxford. Viaja depois pela Espanha e conhece Portugal, onde convive com João Lúcio de Azevedo, o Conde de Sabugosa, Fidelino de Figueiredo, Joaquim de Carvalho e Silva Gaio. A convite de Monteiro Lobato — que já vinha transcrevendo artigos seus publicados pelo *Diário de Pernambuco* — torna-se colaborador da *Revista do Brasil*. Regressa ao Recife em fins de 1923, quando tornou-se o líder de todo um movimento de idéias contrárias ao modernismo futurista de 1922, mas fiéis às modernas correntes européias e norte-americanas.

Em 1925 a direção do *Diário de Pernambuco* encarrega-o de organizar um livro comemorativo do primeiro centenário do jornal, transcorrido em 7 de novembro daquele ano. É para este livro que escreve, além da introdução e de vários sueltos, os ensaios "Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição", "A pintura no Nordeste" e "A cultura da canna no Nordeste, aspectos do seu desenvolvimento historico" (3).

O primeiro dos referidos ensaios — reproduzido em *Região e Tradição* com o título de "Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil" (12, p. 107-194) — é uma espécie de trabalho intermediário entre a dissertação de mestrado e *CG&S*. O período estudado antes — 1848-1864 — cabe inteiro no século comemorado pelo jornal: 1825-1925. A referência ao Nordeste, no título do ensaio, parece limitar o estudo a determinado espaço regional; não nos enganemos, porém, com a aparência, pois o que variou regionalmente na formação brasileira foi apenas a substância — açúcar, café, mineração e pecuária — do mesmo processo histórico-social: o regime de economia patriarcal e escravocrata. É neste sentido que o ensaio "Vida social no Nordeste" pode ser considerado como um antecedente de *CG&S*.

Foi José Lins do Rego quem primeiro salientou esta circunstância, ao escrever daquele ensaio: "O homem que escreveria depois o *Casa-Grande & Senzala* já era ele. Todo o poder de interpretar, toda a força de dizer, toda a originalidade de pensar, de conduzir os assuntos, já estavam com ele. O seu estudo sobre o século de vida social no Nordeste tinha o estofo do sociólogo que dez anos depois ergueria o

grande monumento de nossa vida" (52, p. 17). Acrescentem-se ao período 1825-1925, além dos três séculos anteriores e da documentação correspondente, os novos estudos do autor e ter-se-á, quase como conseqüência lógica, a obra *CG&S*.

A elaboração deste ensaio só faz confirmar as modernas explicações do fenômeno da criatividade: um fenômeno mais lógico e racional do que pensam os "inspiracionistas". Sugere Waldemar Valente que *CG&S* nasceu de um acaso: o exílio de Gilberto Freyre após a vitória da Revolução de 1930 (60, p. 514). Há que distinguir, como o faz René Taton, o "acaso psicológico" do "acaso exterior" (85, p. 74). No caso houve acaso exterior — acontecimento político — mas, de modo nenhum, acaso psicológico, pois no espírito de Gilberto Freyre já vinham se acumulando, como vimos, intuições, observações e leituras que o levariam à decisão de escrever *CG&S*.

2 FORMULAÇÃO EXPLÍCITA

"Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete" — Gilberto Freyre (4-0, p. 1v).

2.1 PESQUISAS

Mudando um pouco o esquema de Abraham Moles, incluímos as pesquisas e as viagens — que são os antecedentes imediatos de *CG&S* — no "tempo de documentação e de informação". Para Moles, "le temps de documentation et d'information générale participe pour le tiers ou la moitié du temps de gestation, soit que l'idée jallisse d'un travail d'information dans un travail donné, soit que l'individu possède une quelconque idée à priori, mais la censure systématiquement, jusqu'à s'être assuré par le processus documentaire qu'elle est réellement originale" (79, p. 83).

Para nós, esse tempo de documentação e de informação proporcionado pelo estudo e pela observação se insere mais coerentemente, pelo menos no caso da obra aqui estudada, como formulação explícita. Ultrapassada, portanto, a fase ou o "tempo de gestação" que não conseguimos distinguir muito bem do "tempo de concepção".

Em que medida podem ser as bibliotecas, os arquivos, os museus e outros órgãos de documentação considerados como antecedentes imediatos na elaboração de uma obra? Na medida em que, como assinala Jacques Brill, "pour la naissance de la pensée créatrice la plus simple, de considérables connaissances sont nécessaires dont le rôle est non seulement celui d'informations élémentaires destinées à ce combiner

mais encore celui de structures cohérentes propres à accueillir, à reconnoitre, á critiquer, consciemment ou non, l'idée nouvelle" (65, p. 31). Aqui também seria oportuno recordar a observação de Erwin Panofsky, citado por José Guilherme Merquior, para quem o texto é "um *monumento* que requer obrigatoriamente, para sua correta inteligência e avaliação, o auxílio de *documentos* que são os dados histórico-culturais circunvizinhos" (77, p. 214).

Acusado por um crítico de "citar demais", Gilberto Freyre respondeu muito bem que prefere essa acusação do que "resvalar no pecado contrário e talvez mais grave: o de citar de menos" (4-C, p. 64 ou 11). A acusação de "citar demais" parte sempre daqueles que pouco ou nada leram, preferindo abordar um assunto com irresponsável desprezo pelos que o antecederam na mesma trilha. Como ensina Henri Marrou, "quando se começa um trabalho histórico, tem de se ler o que já foi escrito sobre o mesmo assunto, sobre questões próximas e de maneira geral sobre esse domínio. Em primeiro lugar, para evitar um trabalho inútil (quantos amadores, por ignorância, imaginam descobrir a América) a seguir e sobretudo para orientar a heurística, para aprender dos nossos predecessores o gênero de fontes onde temos a sorte de encontrar qualquer coisa. Utilização que requer tato, porque, se se deixar influenciar demais pela tradição estabelecida, o noviço corre o risco de ver o passado através das lunetas de outrem, de perder o sentido da questão original e fecunda que poderia ter posto" (76, p. 67-68).

Gilberto Freyre soube livrar-se desse risco, tanto que foi acusado por outro crítico de citar pouco os grandes mestres da nossa história. "Essa falta aparente de devoção de um principiante por mestres tão ilustres explica-se, em parte" — respondeu ele — "pelo fato de ter sido uma das suas preocupações o contato direto com as fontes — tão citadas através destas páginas: manuscritos de arquivos de família e de igrejas, cartas jesuíticas, testamentos, sesmarias, diários, livros de viajantes estrangeiros, provisões régias, correspondência dos governadores coloniais com a Corte, periódicos, pastorais, teses de doutoramento, relatórios de médicos, atas de Câmaras, etc. Sobre este material e sobre pesquisas de campo é que verdadeiramente se baseia este ensaio; e não sobre os livros de historiadores consagrados e o seu uso e interpretação daquelas fontes" (4-0, p. xlvi).

Pode-se imaginar como foi ao mesmo tempo agradável e penosa a consulta de toda essa documentação agradável pelo que trouxe de informação, confirmação ou infirmação para observações, idéias e intuições do autor; penosa pela falta de conservação, de organização e até de interesse pelos pesquisadores, tão comuns na maior parte dos arquivos, bibliotecas e museus brasileiros da época. Neste particular é que a criação intelectual se revela menos como um estado de graça ou uma inspiração do que, literalmente, como aquela "transpiração" a que

se referia o inventor célebre. Abraham Moles destaca, ao longo de todo o seu livro sobre sóciodinâmica da cultura, a importância das bibliotecas, dos arquivos, dos museus, das grandes instituições em que se conserva "a memória do mundo" (79, p. 39, 46, 73, 99, 100, 208, 294 *et passim*). Na elaboração de *CG&S*, alguns desses órgãos de documentação devem ser destacados.

O destaque maior cabe à preciosa coleção particular de Oliveira Lima, que já aparece mencionada na dissertação de mestrado como "probably the most select of its kind in America or Europe" e da qual teve Gilberto Freyre "the honor of having been the first investigator to use it" (2-A, p. 597). Ele mesmo recordaria mais tarde que a idéia de escrever *CG&S*, embora só corporificada em Lisboa, no ano de 1931, nascera realmente em Washington e quando teve à sua disposição os manuscritos e obras raras da Brasiliana de Oliveira Lima (14, p. 126).

Igualmente importante para a formulação explícita da *CG&S* foi a permanência de Gilberto Freyre na Universidade de Stanford, como professor visitante: "Impossível, como autor de *Casa-Grande & Senzala*, esquecer-me dos dias que então passei à sombra da acolhedora Stanford: foram dias decisivos para o planejamento do livro projetado" (14, p. 130). Porque naquela universidade estava, além da Brasiliana reunida pelo seu antigo reitor John Casper Branner — autor de tantas e tão notáveis contribuições à geologia do Brasil — uma coleção completa de documentos parlamentares ingleses sobre tráfico de escravos e sobre a escravidão no Brasil.

A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, a Biblioteca Nacional e o Museu Etnológico de Lisboa, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Arqueológico Pernambucano, o Museu Nina Rodrigues da Bahia e a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco são também mencionados no prefácio à primeira edição de *CG&S*, juntamente com inúmeros arquivos religiosos e familiares.

2.2 VIAGENS

Gilberto Freyre sempre foi, como Unamuno — o Unamuno das *Andanzas y Visiones Españolas* — um grande viajante. Por isso nunca aceitou convites para fixar-se nesta ou naquela universidade, preferindo sempre a condição de professor visitante. "Cigano de beca" foi como ele mesmo uma vez se auto-retratou.

Mas o que o impele a viajar é menos o diletantismo de um *globe-trotter* do que aquele "sentimiento de la naturaleza" exaltado por Unamuno (86, p. 27-31). Aquele desejo de sentir que Fernando Pessoa considerava como "a melhor maneira de viajar": "Sentir tudo de todas as maneiras. / Sentir tudo excessivamente".

Sendo o oposto do intelectual de gabinete, ele teria de sentir o chamado apelo das viagens, que confirmam ou retificam o conhecimento transmitido pelas leituras. Por isso suas viagens por terras brasileiras e estrangeiras sempre se caracterizaram pela variedade de contatos: famílias tradicionalmente aristocráticas e gente do povo; institutos históricos e clubes de carnaval; conventos católicos e cultos afro-brasileiros.

Suas primeiras impressões da Bahia estão fixadas num poema de 1926 que Manuel Bandeira considerava "um dos mais saborosos do ciclo das cidades brasileiras" (22, p. 81). Nós o incluiríamos, sem nenhum exagero, entre os textos mais significativos para o conhecimento da Cidade do Salvador, assim como a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, se insere entre o que de mais profundo se escreveu para a compreensão da capital pernambucana. Também não exageramos ao sugerir que em "Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados" já podemos identificar o futuro autor de *CG&S:* principalmente o das páginas mais dramaticamente expressionistas deste livro, tanto quanto das mais liricamente sensuais.

Veja-se, por exemplo, como o adjetivo *mole* que o autor procura caracterizar, no poema, a atmósfera da Bahia aparece nesta página de *CG&S:* "A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo brasileiro um don-juan não vem do contágio ou do sangue da 'raça inferior' mas do sistema econômico e social da nossa formação; e um pouco, talvez, do clima; do *ar mole,* grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente" (4-0, p. 320). Ou como outra página de *CG&S* lembra a enumeração de elementos ao mesmo tempo sensuais e heróicos que ele exalta na Bahia: "Ociosa, mas alagada de preocupações sexuais, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada, com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela. Da rede não precisava afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros; mandar escrever suas cartas pelo caixeiro ou pelo capelão; jogar gamão com algum parente ou compadre. De rede viajavam quase todos — sem ânimo para montar a cavalo: deixando-se tirar de dentro de casa como geléia por uma colher. Depois do almoço, ou do jantar, era na rede que eles faziam longamente o quilo — palitando os dentes, fumando charuto, cuspindo no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas mulequinhas, coçando os pés ou a genitália; uns coçando-se por vício; outros por doença venérea ou da pele." E logo a seguir vem o contraste do sensual com o heróico: "É verdade que esses homens moles, de mãos de mulher; amigos exagerados da rede; voluptuosos do ócio; aristocratas com vergonha de ter pernas e pés para andar e pisar

o chão como qualquer escravo ou plebeu — souberam ser duros e valentes em momentos de perigo. Souberam empunhar espadas e repelir estrangeiros afoitos; defender-se de bugres; expulsar da colônia capitães-generais de Sua Majestade" (4-0, p. 429).

O conhecimento pessoal da África era fundamental para o futuro autor de um livro que consagraria grande parte do seu texto à influência do escravo negro no Brasil; tão grande que o capítulo sobre este importante aspecto da formação brasileira teve de ser desdobrado em dois.

Num artigo de 1941, refere-se Gilberto Freyre, com alguns pormenores, ao seu primeiro contato com o continente africano: "Em 1930, a aventura de um exílio menos político do que pessoal, levou-me à África francesa. E como os estudos de história da sociedade brasileira já haviam me convencido da importância para o brasileiro preocupado com tais estudos e com os problemas sociais do seu país, de conhecer a África, dei graças a Deus quando o cargueiro francês fundeou, num fim de tarde, nas águas de Dakar, entre alvarengas cheias de pretos altos e angulosos, alguns vestidos de branco à moda maometana. Quase umas figuras de outro mundo" (11-A).

Em *CG&S* ele já havia salientado a elevada estatura dos sudaneses com traços ainda mais expressionistas: "O sudanês é um dos povos mais altos do mundo. No Senegal vêem-se negros tão altos que parecem estar andando de perna de pau; tão compridos dentro de seus camisões de menino dormir que de longe parecem almas do outro mundo. Magricelas, dentuços, angulosos, hieráticos. Mais para o sul da África é que se encontra gente baixa e redonda. Mulheres culatronas. Redondezas afrodisíacas de corpo. Hotentotes e boximanes verdadeiramente grotescos com as suas nádegas salientes (esteatopigia)" (4-0, p. 314).

Vê-se que a passagem pelo Senegal como que escancarou aos olhos indagadores do futuro autor de *CG&S* o que ele antes apenas entrevira através da leitura de livros e revistas especializadas em estudos africanos. Ali encontraria, "quase escandalosamente expostas" — como escreveu no artigo citado — aquelas "raízes do Brasil" que Sérgio Buarque de Holanda analisaria depois dele. Aliás, com muita propriedade o crítico José Guilherme Merquior classificou as obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda como "radiografias antropológicas" (78, p. 229).

Em Lisboa, no inverno de 1930-1931 e 'quase sem dinheiro algum", Gilberto Freyre viveu "a mais miserável das vidas que já vivera" (14, p. 127). A Biblioteca Nacional e o Museu Etnológico foram, para ele, lugares de estudo e, ao mesmo tempo, de refúgio contra o frio. Como na Bahia, não limitou-se às instituições de pesquisas, procurando familiarizar-se "com sabores novos de vinho-do-porto, de bacalhau,

de doces de freiras" (4-0, p. 1v). Sempre a mesma variedade de contatos e de experiências; a mesma preocupação de harmonizar o erudito e o folclórico, o aristocrático e o popular. Convivendo com João Lúcio de Azevedo e com Fidelino de Figueiredo, mas confraternizando também "com gente da mais pobre de Lisboa e dela aprendendo, aliás, lições de lusitanidade que jamais teria aprendido, freqüentando apenas meios aristocráticos e burgueses" (14, p. 128). Como jamais teria escrito — acrescente-se ao depoimento do autor — um livro no qual essa variedade e essa harmonização de contrastes são tão evidentes.

Esse conhecimento *in loco* e *de visu* das raízes luso-africanas da formação brasileira seria depois completado pelo contato com o chamado *deep South* dos Estados Unidos. Contato importantíssimo para quem já sabia o que o professor Samy Friedman observaria recentemente, prefaciando obra coletiva sobre as ciências sociais: "any social science is in principle a comparative science" (71, p. xliv). Recordando essa viagem de trem pelos estados de Luisiana, Alabama, Mississipi, North e South Carolina e Virginia, Gilberto Freyre escreveu: "Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocracia e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que no norte do Brasil e em certos trechos do sul; o mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela boa cozinha, pela mulher, pelo cavalo, pelo jogo; que sofreu, e guarda as cicatrizes, quando não as feridas abertas, ainda sangrando, do mesmo regime devastador de exploração agrária (...). A todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado "deep South". As mesmas influências de técnica de produção e de trabalho — a monocultura e a escravidão — uniram-se naquela parte inglesa da América como nas Antilhas e em Jamaica, para produzir resultados sociais semelhantes aos que se verificam entre nós. As vezes tão semelhantes que só varia o acessório: as diferenças de língua, de raça e de forma de religião" (4-0, p. lvi-lvii).

Com essa temporada nos Estados Unidos e mais uma viagem à Europa, para novas pesquisas nos museus antropológicos da Alemanha, estava praticamente concluído o tempo de formulação de *CG&S:* aquele período que Abraham Moles define como "la première matérialisation de l'idée ou de l'oeuvre et à partir duquel travaille l'individu. L'idée possède à ce moment une existence réelle, au moins pour celui qui la fait, même si elle reste encore virtuelle pour la Société" (79, p. 85).

3 TEMPO DE ENFORMAÇÃO

"Cette notion d'emballage ou de mise en forme apparait extrêmement importante, dans tous les domaines de la création par signes: textes parlés ou écrits, mathématiques, emploi de systèmes symboliques quelconques, rédaction. Qu'il s'agisse d'un brevet d'invention, d'un

article dans une revue scientifique ou d'une conférence, il y a un délai d'emballage, consacré à la réduction de l'idée en mots obséissant aux lois de la logique, de la syntaxe et de la grammaire, sa préparation en manuscrit, sa *normalisation* en signes, par la dactylographie par exemple" — Abraham Moles (79, p. 85).

3.1 REDAÇÃO

A redação de *CG&S* foi iniciada no Rio de Janeiro, em 1931, e concluída no Recife, em 1933. O prefácio à primeira edição está datado de Lisboa, mas o que se corporificou em Portugal foi apenas o projeto da obra, segundo esclarecimento mais recente do autor: "Da Europa, em vapor alemão, regressei ao Brasil: ao Rio de Janeiro. Aí foi decisivo o estímulo que recebi do meu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade a favor do projeto de livro que eu trazia do estrangeiro". (14, p. 131). Utilizando uma vez mais a terminologia de Abraham Moles, podemos dizer que em Lisboa a obra foi explicitamente formulada; e que no Rio de Janeiro e no Recife ela seria concretizada em texto, no que Moles chama "temps d'emballage": expressão que traduzimos como "tempo de enformação".

Parece lícito supor que as precárias condições financeiras do autor tenham contribuído para que uma obra da natureza e das proporções de *CG&S* fosse escrita em período tão reduzido: menos de dois anos. Durante esse período o autor viveu, no Rio de Janeiro e no Recife, com os quinhentos mil réis mensais irregularmente pagos pelo editor, de acordo com um contrato redigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade (14, p. 131). Como assinala Moles, "dans la société actuelle, le problème de l'individu inconnu n'est pas résolu et celui-ci doit souvent insister pour que les points d'aiguillage du système de consommation culturelle condescendent à prendre la peine de consommer le produit qu'il leur propose à un tarif modeste" (79, p. 86-87). De qualquer modo, há que louvar no editor — que era o poeta Augusto Frederico Schmidt — o interesse pelo autor novo e a previsão do sucesso da obra.

Gilberto Freyre sempre escreveu a mão, não sendo, portanto, daqueles autores que pensam melhor "sobre a máquina de escrever". Seus rascunhos são por vezes complicados, exigindo datilógrafos pacientes e cultos. *CG&S*, por exemplo, teve de ser parcialmente datilografada pelo escritor Luís Jardim, que na época ainda residia no Recife (14, p. 134-135). E os originais da obra não devem ter sido muito limpos, a julgar pelos de outros trabalhos do autor que temos visto. Ele pertence ao número dos chamados "escritores torturados", que são o terror das tipografias, pois corrigem os originais em tantas provas tipográficas quantas se lhes apresentem, sempre insatisfeitos com a *enformação* da obra.

Tal insatisfação ocorre mais entre escritores de ficção, como Tolstoi ou Flaubert, por exemplo, que refaziam seus originais de cin-

co a seis vezes. Mas não se estranhe que ela também ocorra num livro como *CG&S*, pois Gilberto Freyre se considera antes de tudo um escritor: "O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor é outro assunto" (14, p. 165).

3.2 PUBLICAÇÃO E PRIMEIRAS REPERCUSSÕES

O primeiro artigo foi publicado antes de *CG&S*, anunciando-a com estas palavras significativas: "A obra que Capistrano não quis concluir é esta que Gilberto Freyre vai começar". A afirmação é de José Lins do Rego, que lera os originais e quis ser o São João Batista de *CG&S*. Seu artigo saiu no *Boletim de Ariel* de novembro de 1933 (51) e, no mês seguinte, o editor entregava a obra à crítica ("diffusion restreinte dans la société intellectuelle", como diria Moles) e ao público, em geral ("insertions dans les masses"). Começava, assim, em dezembro daquele ano, a "socialização" de *CG&S*, etapa final do "temps d'emballage".

A primeira reação do micromeio cultural foi francamente favorável. Falando em "erudição e espírito crítico, equilíbrio e discernimento", o escritor João Fernando (Yan) de Almeida Prado — que publicaria depois extenso panorama histórico da sociedade brasileira — confessou não saber o que mais admirar em *CG&S*: "se a sagacidade do autor movendo-se em assuntos inteiramente novos entre nós, ou a sua capacidade de reunir a prodigiosa documentação que apresenta" (48).

Alguns dias depois é o temido panfletário Agripino Grieco quem dedica ao estreante dois de seus folhetins semanais de crítica literária, reunidos posteriormente no livro *Gente Nova do Brasil* (36). A obra foi minuciosamente analisada por Grieco, que começa salientando o gosto e a lucidez revelados por Gilberto Freyre em seus artigos de jornal. Concordando muitas vezes com o jovem autor e discordando aqui e ali, eis o que, em síntese, escreveu Agripino Grieco de *CG&S*: "Em suma: o afluxo de temas pode, uma vez ou outra, conduzir o autor a certa desconexão ou confusão de perspectivas, mas o caso é que o homem de letras, o artista, está sempre vigilante no decorrer da obra. Mesmo quando seja meio Oliveira Lima pela soma compacta de documentos, é um Oliveira Lima descarnado e ágil que se esgueira lepidamente por entre citações e transcrições e não dá nunca a sensação do carreto histórico. Enriquecido pelos textos, ainda mais se enriqueceu ele correndo a roça, ouvindo os ex-escravos, demorando-se nas igrejas, olhando as veneráveis ruínas. E esse caráter de turismo intelectual, essa mobilidade de impressões diretamente recolhidas, é que lhe faz do livro sutilíssima obra de arte e o salva de ser catalogado na rubrica dos 'relatórios' (...). Está aqui uma espécie de história do Brasil, contada inteligentemente, à moderna, com grande amenidade. Interpretação por vezes demasiado materialista, com um pouco de rudeza e sequidão cien-

tíficas, não exclui, de modo algum, certos trechos de irresistível efusão poética. Talvez falte ao autor um núcleo, um centro, e há muita coisa lateral no livro. Talvez lhe falte uma 'convicção'. Mas, com todos os defeitos, será necessário repetir que se trata de uma obra notabilíssima?" (36, p. 246 e 255).

Outro grande crítico da época foi João Ribeiro. Acatado tanto pelas velhas como pelas novas gerações, o já consagrado historiador e lingüista, então no fim de sua tão longa quanto gloriosa existência (morreria alguns meses depois, em 13 de abril do mesmo ano de 1934), João Ribeiro saudou Gilberto Freyre como "um pernambucano da estatura de Joaquim Nabuco" (54, p. 274). E depois de definir os sociólogos como "poetas da erudição" que sabem engendrar suas hipóteses com' suprema arte", assim se referiu a *CG&S:* "O livro de Gilberto Freyre pertence a essa poderosa poesia e profunda metafísica que nos deleita e nos levanta acima da vulgaridade dos fatos. É uma metapolítica que só os talentos de escol podem sentir com a intensidade e a verossimilhança que nos antolha o mundo" (54, p. 275). É notável que já em 1934 um crítico brasileiro salientasse na obra de Gilberto Freyre o que só muito recentemente alguns sociólogos franceses vieram a reconhecer: seu sentido metapolítico.

"Estudando o Brasil, sob os seus aspectos sociais" — continua João Ribeiro — "ele pouco ou nenhuma atenção presta aos políticos de quem quase nunca se serve e de quem nada quer aprender, e ao mesmo tempo exaure todos os nossos pensadores, antropologistas e etnólogos, recolhe com o mais enternecedor carinho os ditos, as observações dos estrangeiros, viajantes que aqui estiveram ou por aqui passaram lenta ou rapidamente e que são os mestres e responsáveis de sua sociologia. Fora, já se vê, dos conhecimentos diretos e pessoais de brasileiro bem educado, de grande agudeza de observação. E não sabemos se houve outro brasileiro que com tanta acuidade nos observasse" (ibidem).

Referindo-se uma vez mais a Joaquim Nabuco, João Ribeiro traça um paralelo entre ele e Gilberto Freyre: "Antes de sua morte, Joaquim Nabuco recolhia tudo quanto os estrangeiros escreveram do Brasil e, pessoalmente, muita vez o acompanhei *buquinando* nas livrarias velhas de Londres, atrás do *Strand,* as pepitas de ouro que com entranhado interesse apanhava na tonelagem de minério inútil. Se Nabuco fizesse a crítica de todo esse acervo, teria escrito um volume da *Casa grande,* exceto a contribuição americana que então lhe escapara em Londres. Gilberto Freyre foi um precursor do livro póstumo que talvez não escreveria Nabuco" (ibidem).

"Nabuco, porém" — continuamos transcrevendo João Ribeiro — "sem embargo do seu catolicismo, um pouco forçado e incredível, era um Renaniano e pelo menos exerceria com essa obra póstuma a fascinação do seu estilo. Nesse ponto, Gilberto Freyre é mais negligente e li-

bertário. Os fatos para o nosso autor estão acima de todas as galas exteriores. Não que ele escreva mal, pelo contrário, escreve bem, muito bem mesmo, com acentuada elegância" (ibidem).

Aí tocava o notável ensaísta na distinção entre duas vertentes estilísticas, que podem ser exemplificadas, na literatura francesa, por um Renan e um Proust. O estilo de Nabuco é, como seu ceticismo, renaniano; o de Gilberto Freyre, como seu sensualismo, proustiano.

O único reparo de João Ribeiro, seu único "mas" é o de ser Gilberto Freyre "desses escritores que não sabem acabar"; e *CG&S*, "conquanto grande (mais de quinhentas páginas), não conclui" (54, p. 276). Mesmo assim, reconhece ele que o inacabamento decorre da própria natureza da obra e escreve: "É um livro de nunca acabar como certos contos folclóricos sem fim. Poderia escrever outro e outros volumes, sem esgotar o mesmo tema" (ibidem). No que se aproximava, em intuitiva antecipação, do moderno conceito de "obra aberta" enunciado, em nossos dias, por Umberto Eco (68).

Acreditamos que tão lúcidas observações justificam a longa citação de João Ribeiro, cujo pensamento caracteriza-se por uma impressionante atualidade. Seja-nos permitido reproduzir os últimos parágrafos desse esquecido artigo do autor de *Cartas Devolvidas*, hoje recolhido a um dos volumes das obras completas que Múcio Leão organizou para a Academia Brasileira de Letras: "Agripino Grieco escrevendo sobre *Casa grande* esgotou um folhetim e promete continuação. Nós outros não iremos adiante desse breve registro, mas folgamos dizer que esse livro estará sempre diante dos olhos para ler e reler de tempos a tempos. Contém coisas que só uma segunda ou terceira leitura pode acaso descobrir. Acresce que é um livro brasileiro de grande sentimento nacional que honra as nossas letras e a nossa cultura. Com ele, merece Gilberto Freyre um alto lugar entre os nossos homens de letras" (54, p. 277).

Em fevereiro de 1934 era o grande antropólogo e educador Roquette-Pinto quem manifestava seu entusiasmo por *CG&S*. Em artigo no *Boletim de Ariel*, o também então já consagrado autor de *Rondônia* e *Seixos Rolados* escreveu de Gilberto Freyre: "Armado de aparelhagem excepcionalmente valiosa, percorreu os meandros da nossa formação familiar. Viu claro. Viu certo. É sincero. (...) *Casa-Grande & Senzala* nasceu obra clássica" (57).

Do escritor Afonso Arinos de Melo Franco partiu a primeira reação contra a revolução lingüística de *CG&S*. Embora reconhecendo qualidades excepcionais e afirmando que "Gilberto Freyre entra de chofre na categoria dos Nabuco, dos Euclides da Cunha, dos Capistrano, dos grandes lidadores da inteligência brasileira e da compreensão do verdadeiro Brasil", diz o autor de *Portulano*, em nossos dias consagrado como memorialista insigne: "Numa obra como a de Gilberto Freyre, porém,

sua língua deve ser simples e nossa, não julgo indispensável que seja chula, impura e anedótica, tal como aparece em tantas das suas páginas. É pouco técnico esse linguajar. Pouco científico. Dá ao livro um aspecto literário que o seu assunto e as suas graves proporções não comportam". E mesmo negando ser um "purista asmáitco e intransigente", afirma enfaticamente Afonso Arinos de Melo Franco: "A linguagem de Gilberto Freyre devia ter um pouco mais de dignidade" (43).

É interessante contrastar esse purismo lingüístico de um autor então ainda jovem com a posição de mestres de gerações mais velhas, que não se escandalizaram com a audácia vocabular de Gilberto Freyre, antes aplaudindo aquela mistura de termos científicos e obscenos ou de palavras antigas com outras por ele inventadas, como, por exemplo, o verbo "sanduichar" e o adjetivo "gestaltiano".

Não é nossa intenção, face aos limites deste ensaio, comentar todos os artigos que foram escritos sobre a primeira edição de *CG&S* e sim alguns dos mais significativos. Mas não gostaríamos de encerrar este capítulo sem mencionar as incompreensões com que a obra foi recebida, no Brasil e em Portugal, por fanáticos de ideologias políticas, por seguidores intransigentemente exclusivistas de metodologias ou seitas científicas e por um ou outro religioso da Companhia de Jesus. Era natural essa reação contra um autor sem compromissos ideológicos, metodológicos ou religiosos. Não faltaram, entretanto, respostas oportunas às críticas mais sectárias. Os reparos do erudito jesuíta Serafim Leite, por exemplo, foram rechaçados por outro religioso: o padre J. Alves Correia. A abordagem interdisciplinar e plurimetodológica — hoje tão recomendada mas, na época, inteiramente desconhecida — seria louvada, já em nossos dias, pelos sociólogos Roger Bastide e Jean Duvignaud. E as incompreensões de ideólogos extremistas seriam compensadas pelos elogios de críticos da importância contraditória de um Portuondo e de um Reale.

Salientaremos como representativos da crítica portuguesa e norte-americana da época, os depoimentos de Carlos Malheiro Dias e Percy Alvin Martin. Para o ilustre publicista português — organizador da monumental *História da Colonização Portuguesa no Brasil* — "nunca os trabalhos anteriores dedicados no Brasil a este complexo capítulo da sociologia — e não foram poucos — atingiram a solidez deste monumento da inteligência dirigida pela erudição, tanto no seu realismo como no senso objetivo que o anima" (30, p. 105-106). No primeiro volume do *Handbook of Latin American Studies*, Percy Alvin Martin — um dos maiores especialistas norte-americanos em história do Brasil — escreveu ser *CG&S* "the best account of life in colonial Brazil which we possess" e "the most brilliant work on Brazilian sociology which has yet appeared" (41).

CG&S foi, portanto, logo depois de sua publicação, consagrada por críticos de várias gerações, nações, ideologias e especializações. Uma consagração universal no mais amplo sentido da palavra: o temporal, o espacial, o doutrinário e o científico.

3.3 QUARENTA ANOS DEPOIS

Como veremos a seguir, *CG&S* teve, em dez anos, quatro edições brasileiras e foi traduzida para uma língua estrangeira (o espanhol); em vinte anos, teve sete edições brasileiras e apareceu em inglês e francês; em trinta anos, foi doze vezes reeditada no Brasil e uma vez em Portugal e traduzida para o alemão e o italiano. Ao completar quarenta anos, em 1973, a obra possuía dezesseis edições brasileiras (dezessete em português) e havia sido traduzida para seis línguas.

Trata-se de um recorde internacional, pois Abraham Moles calcula entre um a cinco anos o período normal para reedição de uma obra literária e entre cinco a dez anos o de sua tradução (79, p. 198). Note-se que existem duas edições de *CG&S* em espanhol (5), oito edições em francês (7) e cinco em inglês: três nos Estados Unidos e duas na Inglaterra (6).

A segunda edição brasileira foi publicada em 1936 (4-A), mas vê-se pela data do prefácio que ela já estava preparada em 1934, pois antes de completar um ano a primeira edição se esgotara. Na segunda edição o autor corrigiu os erros de revisão, alterou a linguagem "no sentido de maior clareza" e incorporou, ao texto e em notas, sugestões tanto de novas leituras e pesquisas como da crítica. Uma das vantagens da segunda sobre a primeira edição foi a dos índices onomástico e temático. Recorde-se também que, ao sair em segunda edição, a obra já havia sido contemplada com o Prêmio Felippe d'Oliveira de 1934 (26 e 34).

Impontual no pagamento, durante a redação da obra, das mensalidades contratadas com Gilberto Freyre, o editor foi também incorreto ao publicar, em 1938, à revelia do autor, a terceira edição de *CG&S*, que deve ser, por isso, classificada como fraudulenta ou clandestina (4-B). As críticas aparecidas após a segunda edição foram comentadas em artigo publicado no primeiro número da *Revista do Brasil* (3a. fase, dirigida por Octavio Tarquínio de Sousa) e incorporada às edições seguintes como "Quase um prefácio à terceira edição" (11).

A partir da quarta edição — aparecida em 1943 e classificada como definitiva — *CG&S* passou a ser publicada pela Livraria José Olympio Editora, em dois volumes da Coleção Documentos Brasileiros, então dirigida por Octavio Tarquínio de Sousa (4-C). Nessa coleção — fundada pelo próprio Gilberto Freyre e sob sua orientação até o volume 18 — a obra continuaria até a oitava edição.

Dentre os artigos suscitados por essa *edição definitiva* de *CG&S* merecem destaque o do notável sociólogo argenitno Francisco Ayala (18) e, no Brasil, os de Roberto Alvim Corrêa (27), Álvaro Lins (40) e Osmar Pimentel (46). O deste é uma penetrante análise da fortuna crítica de *CG&S*, que ele preferiria, talvez, chamar de infortúnio crítico, pois considera não haver sido a obra sequer "atingida, em sua essência, por qualquer discussão séria". Na verdade, só depois de publicada na França é que a obra receberia uma crítica e uma exegese como as reclamadas por Osmar Pimentel naquele seu artigo de 1944.

A quinta edição saiu em 1946 (4-D). Na sexta edição, lançada em 1950 (4-E), *CG&S* passou a ser publicada como primeiro volume de uma *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*. *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* são, respectivamente, o segundo e terceiro volumes dessa *Introdução* que se completará com a obra ainda em preparo *Jazigos e Covas Rasas*, cujo assunto é o sepultamento e a comemoração dos mortos no Brasil patriarcal e semipatriarcal. Três volumes complementares estão ainda previstos para a *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil:* o quinto (que incluirá uma seleção de manuscritos e outros documentos utilizados pelo autor), o sexto (que reproduzirá a documentação iconográfica) e o sétimo (Bibliografia geral e índices).

Deve-se recordar que já no prefácio à primeira edição de *CG&S* Gilberto Freyre admitia a idéia de dar ao assunto um "desenvolvimento ainda maior" (4-O, p. lxxxiii). Quando estiver totalmente publicada, a *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil* parecerá trabalho de toda uma equipe e não apenas de um só autor. E atualíssimo no seu propósito de completar o texto com a imagem.

A sétima (4-F) e a oitava (4-G) edições saíram em 1952 e 1954, respectivamente. Em 1957 publicou-se em Lisboa a primeira edição portuguesa, em um volume (8). Para esta edição o autor escreveu um prefácio especialmente destinado aos leitores portugueses. Em sua nona edição (4-H) — tanto quanto na décima (4-I), na décima primeira (4-J), na décima terceira (4-L) e na décima quinta (4-N) — *CG&S* foi publicada como parte da Primeira Série das *Obras Reunidas de Gilberto Freyre*, conjunto de dez volumes que inclui *Sobrados e Mucambos* (dois volumes), *Ordem e Progresso* (dois volumes), *Sociologia* (dois volumes), *Nordeste* e *Problemas Brasileiros de Antropologia*. Foi uma concessão do editor à voga das coleções encadernadas para venda a crédito.

Devidamente autorizada pelo editor e pelo autor, a Editora Universidade de Brasília publicou, em 1963, a décima segunda edição de *CG&S*, como um dos dez volumes de sua *Biblioteca Básica Brasileira* (4-K). Também foi autorizada a publicação no Recife da décima quarta edição brasileira de *CG&S:* uma edição popular da Imprensa Oficial de Pernambuco, determinada pela Assembléia Legislativa do mes-

mo Estado para comemorar o 30.º aniversário da obra. Nessa edição popular, o primeiro volume foi prefaciado por José Antônio Gonsalves de Mello e o segundo por Jordão Emerenciano (4-M).

Em 1973, quarenta anos depois da primeira edição, a Livraria José Olympio Editora publicou a décima sexta edição de *CG&S*, em volume compacto de mais de seiscentas páginas, contendo farta documentação textual e iconográfica. É a décima sétima edição em português, língua para cujo enriquecimento *CG&S* muito contribuiu, tanto no vocabulário como na estilística. Sua importância, entretanto, ultrapassa o aspecto lingüístico, pois como observou José Antônio Gonsalves de Mello, a cada página da obra "surgem idéias, sugestões, elucidações que abrem novos caminhos à compreensão do passado do país; novos temas a aprofundar, novos ensinamentos a registrar" (42, p. xiv).

Aí está a chave do sucesso de *CG&S*, comprovado por tantas edições, em cujos prefácios o autor vem registrando o *feedback* de suas mensagens. A originalidade dessas mensagens — cuja medida está hoje tão ligada ao conceito de informação — deixa-nos com a impressão — registrada por José Antônio Gonsalves de Mello — de que Gilberto Freyre "teve o objetivo de legar matéria para exame de várias gerações de estudiosos" (42, p. xiv). Cabe, portanto, a *CG&S* esta síntese magistral de José Guilherme Merquior: "O autor compõe, o público se interpõe, a crítica decompõe — mas a obra dispõe" (77, p. x).

Embora a projeção internacional de *CG&S* tenha se iniciado, como vimos, em 1934, é evidente que aumentou depois de sua publicação em outros países, traduzida para os chamados "idiomas culturais". Quem primeiro se interessou em traduzi-la foi o grande ensaísta Ortega y Gasset. E o espanhol seria a primeira língua estrangeira em que a obra apareceu.

Traduziu-a, entretanto, não o autor de *España Invertebrada*, mas o argentino Benjamin de Garay, que já havia comprovado sua competência na edição portenha de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. *CG&S* publicou-se em Buenos Aires no ano de 1942 e na mesma coleção em que aparecera a obra de Euclides: a *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, editada pela Comisión Revisora de Textos de Historia y Geografia Americana, presidida pelo pesquisador Ricardo Levene (5). Em longo prefácio a essa edição argentina, Ricardo Sáenz Hayes escreveu que "si no es posible ser más brasileño que Gilberto Freyre, tampoco es dable ofrecer una cultura más nutrida y universal que la suya" (59, p. 33). A importância antropológica, sociológica, psicológica, histórica e literária de *CG&S* é magistralmente assinalada nesse prefácio do conhecido escritor argentino.

No ano seguinte, a conceituada casa editora Emecé publicou a edição comercial de *CG&S*, na coleção *Grandes Ensaystas*, dirigida por

Eduardo Mallea. Um dos melhores estudos suscitados pela edição argentina de *CG&S* foi, como já recordamos, o do sociólogo Francisco Ayala (18).

Traduzida pelo grande conhecedor de literatura brasileira que foi Samuel Putnam, *CG&S* aparece pela primeira vez em língua inglesa no ano de 1946. Publicou-a em Nova York o conhecido editor Alfred A. Knopf, com o título de *The Masters and the Slaves* e o subtítulo *A Study in the Development of Brazilian Civilization* (6). Nos Estados Unidos a obra teve mais duas edições: uma em 1956 e outra em 1964, esta abreviada e em *paper-back*, na coleção *Borzoi Books on Latin America* (6-B). Na Inglaterra a obra teve duas edições, uma em 1947 (6-C) e outra em 1971, quando foi publicada conjuntamente com as traduções de *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*, em três volumes genericamente intitulados *The History of Brazil* (6-D).

Dentre os muitos artigos provocados por *The Masters and the Slaves* destacamos os de Hubert Herring no *The New York Times Book Review* (37), T. E. Downey na *Review of Politics* (32) e Donald Pierson na *America Sociological Review* (45).

A França foi, inegavelmente, o país em que *CG&S* obteve melhor repercussão. A começar pela tradução que, em francês, foi feita por um cientista social e humanista da categoria de Roger Bastide, depois de haver sido pleiteada por outro antropólogo: Alfred Métraux. Em prefácio consagrador, Lucien Febvre afirmou ser *CG&S* "à la fois une histoire et une sociologie. Un mémorial et une introspection. Un énorme pan de passé, né d'une méditation sur l'avenir. Pour finir, un essai d'écrivain-né, et qui contraint le moins artiste des lecteurs à percevoir le talent de l'auteur: ce don étonnant de vision et de réssurrection, fait de lucidité et de sensualité" (35, p. 9).

Com o título de *Maîtres et Esclaves*, a obra foi publicada em 1952 por Gallimard (Nouvelle Revue Française) na coleção *La Croix du Sud*, dirigida por Roger Caillois. No mesmo ano esgotou-se a primeira edição e saiu a segunda. Em uma década, *CG&S* teve na França quase uma edição por ano.

A crítica francesa, cuja importância não precisamos enaltecer, acolheu *CG&S* com os mais consagradores e sucessivos elogios. Apenas alguns exemplos: em fevereiro de 1953, Roger Bastide em *Mercure de France* (23); em março do mesmo ano, André Rousseau em *Le Figaro Littéraire* (58); em abril, Charles Delane em *L'Observateur* (29); em maio, Jean Pouillon em *Les Temps Modernes* (47); em 1954, Georges Balandier nos *Cahiers Internationaux de Sociologie* (20).

Em 1956, convidado a proferir na Sorbonne uma conferência sobre alguns dos seus métodos de análise histórico-social, Gilberto Freyre foi saudado pelo professor Georges Gurvitch como "o maior dos

sociólogos modernos". Consagração que seria completada, no mesmo ano de 1956, pela maior homenagem já recebida por um autor vivo: o estudo de sua obra num dos encontros anuais do Castelo de Cerisy: iniciativa do professor de Filosofia Henri Gouhier que contou com a presença de vários professores da Universidade de Paris e de outros intelectuais franceses.

Em 1965 *CG&S* apareceu ao mesmo tempo em alemão e em italiano. A edição alemã — *Herrenhaus und Sklavehütte* — foi traduzida pelo conde Ludwig Shönfeldt e prefaciada por Hermann Matthias Görgen (9). Na edição italiana — *Patroni e Schiavi* — o tradutor foi Alberto Pascetto e o prefaciador Fernand Braudel. (10).

A projeção do livro em todo o mundo atraiu para seu autor as atenções das mais conceituadas universidades estrangeiras que espontaneamente lhe têm conferido o título de Doutor *Honoris Causa*. Não foi preciso, portanto, esperar pelo cinqüentenário de *CG&S* para concretização da profecia feita por Jorge Amado por ocasião do seu 25º aniversário: "Quanto a mim, tenho a esperança de assistir às comemorações do cinqüentenário de *Casa-Grande & Senzala* e, velho de mais de 70 anos, delas participar, testemunhar para os jovens o que foi, nos idos de 1933, o lançamento desse livro. Porque penso, sei de um saber sem dúvidas, que assistiremos não apenas a uma festa de âmbito brasileiro, homenagem de um público imensamente maior que o atual, mas a uma festa da cultura mundial, porque então já se terá, no Brasil e fora do Brasil, a medida da importância completa desse livro e de sua significação e de toda a obra de seu autor" (17, p. 30).

3.4 CONSAGRAÇÃO DE *CASA-GRANDE & SENZALA*

Prefaciando a edição popular de *CG&S*, José Antônio Gonsalves de Mello observou serem raros, na historiografia universal, livros que mostrem tão profundamente a história íntima de um povo (42, p. XVI). Na verdade, *CG&S* é uma obra singular tanto na historiografia como na cultura universal. Singular pelos seus ingredientes ao mesmo tempo científicos e humanísticos, pois nela se misturam — como as raças na formação do Brasil — conhecimentos sociológicos, antropológicos, psicológicos, biológicos, geográficos, históricos, econômicos, folclóricos; documentação textual e iconográfica, métodos rigorosamente objetivos e profundamente introspectivos; e tudo a serviço de uma expressão literária marcadamente pessoal.

Deixaram-se impressionar pela aparência os que julgaram *CG&S* uma obra sem composição. Foi o crítico Roberto Alvim Corrêa, com sua habitual acuidade, quem primeiro observou ser essa desordem apenas aparente, salientando o "encabrestamento dos temas em cada capítulo" e "os galhos que se espalham em todas as direções, mas pertencentes a um tronco bem sólido, se bem que nem todos o vejam" (27, p. 208).

Secundando o autor de *Anteu e a Crítica* — para quem Gilberto Freyre será mais tarde chamado "o Proust da sociologia", pois também a obra cíclica do romancista francês foi acusada de falta de composição — o professor Fernando de Azevedo escreveu que *CG&S* é um livro "construído com uma negligência de superfície e um rigor secreto" (19, p. 72).

Raros os autores simplesmente cientistas ou apenas artistas que conseguiram aquela penetração de que fala José Antônio Gonsalves de Mello. Porque ela exige a combinação difícil de objetividade científica e sensibilidade artística. Para Roland Barthes, Gilberto Freyre "excede Kayserling, podendo ser comparado apenas com Michelet" (16, p. 569). Um crítico norte-americano, registrando a publicação de *CG&S* na *Catholic Sociological Review*, lembrou Defoe, Dostoievski, Proust e Balzac (16, p. 570). E a *Nouvelle Revue Française* acrescentou que a análise da natureza humana empreendida por Gilberto Freyre fez de *CG&S* "uma epopéia tão apaixonante como *Guerra e Paz* de Tolstoi e o *Dom Quixote*" (16, p. 571).

Com exceção de Michelet — escritor que fez da ciência histórica uma obra de arte — os autores citados são romancistas jamais excedidos por qualquer cientista em suas análises de personalidades nem sempre fictícias e de sociedades visivelmente situadas no tempo e no espaço. Para Irving Wallace, embora vários ficcionistas insistam em dizer que seus heróis e heroínas são inventados, é "bastante discutível que algum personagem tenha sido ou possa ser completamente imaginário" (89, p. 12). O que também pode ser dito de lugares e épocas descritos em obras de ficção com pormenores nem sempre imaginados.

Na literatura brasileira *CG&S* não tem similar e, no panorama universal, suporta galhardamente a comparação com outras obras solitárias, como *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *The Bible in Spain* de George Borrow ou *The Seven Pillars of Wisdom* de T. E. Lawrence: obras híbridas de ciência e arte. Otto Maria Carpeaux — ensaísta que, como o poeta Mallarmé, leu todos os livros — comparou *CG&S* com outra obra híbrida: o romance *Oblomov*, do russo Ivan Aleksandrovith Gontcharov. "O caso é, de fato, contrário", — como esclarece Carpeaux: "em *Oblomov*, uma experiência social transformada em obra de arte; em *Casa-Grande & Senzala*, um grande poder de criação artística, sobrepondo-se a uma documentação rigorosamente científica. As consequências da leitura incompreensiva, porém, são comparáveis. Da obra-prima da sociologia brasileira, verdadeira epopéia e — como todas as epopéias — sem começo, sem fim e sem conclusões, a gente pode tirar conclusões em favor da época patriarcal, recordada com saudades íntimas, e outras conclusões diferentes, em favor da reforma radical, da abolição das injustiças do regime latifundiário. Do mesmo modo, os russos de 1857, agitados pela discussão em torno da abolição da servidão camponesa

(concedida, depois, em 1861), tiraram do *Oblomov* argumentos em favor dos 'bons velhos tempos' e outros argumentos em favor da reforma" (66, p. 107-108).

A observação de Otto Maria Carpeaux explica porque *CG&S* vem sendo enaltecida por autores das ideologias mais antagônicas. Compare-se, por exemplo, o depoimento de Alceu Amoroso Lima — "Hoje em dia *Casa-Grande & Senzala* é um dos dez ou quinze livros essenciais para a compreensão da cultura brasileira e sua publicação marcou um momento capital, não só em nossa vida cultural, mas ainda na do continente americano e mesmo da Sociologia moderna em geral" (38, p. 45) — com o de Astrojildo Pereira: "... o aparecimento de *Casa-Grande & Senzala* produziu completa mudança no curso da nossa historiografia, rasgando novos e novos caminhos a outros estudiosos e intérpretes" (44, p. 386-387); ou o de Miguel Reale — "Seria, em verdade, impossível olvidar, na obra de Gilberto Freyre, o papel que, ao lado das técnicas mais apuradas na coleta e na análise objetiva dos dados, se deve atribuir à imaginação criadora, aos valores da intuição e da empatia..." (44, p. 406-407) — com o de Celso Furtado: "... I was influenced by American sociology, particularly by the anthropological theory of culture which I found in Gilberto Freyre's *Masters and the Slaves*. This book, which I read when I was 17, not only threw new light on a great many thing for me; it opened my mind to contemporary ideas by showing me what people were thinking in the intellectual circleswhere new knowledge was won. Looking back, it seems to me clear that I was hardly, if at all, influenced by Freyre's ideas — by the interpretation of the Brazilian history he proposed. The great attraction of his book lay in its revealing an entirely new intellectual instrument." (72, p. 31).

O sucesso de *CG&S* também se explica pelo fato, logo salientado por João Ribeiro, dela ser uma obra, alem de científica e artística, metapolítica. Poucos perceberam, na aparente falta de conclusões, este sentido metapolítico de *CG&S*. Baseada na "diferenciação fundamental entre raça e cultura", a obra de Gilberto Freyre representou uma verdadeira catarse do *ethos* nacional. Assim se explica a lúcida observação de Luís Viana Filho, para quem CG&S "é um novo Treze de Maio. Pelo menos, completa o de 1888, da Princesa Isabel" (61, p. 536).

Ao longo destes seus quarenta anos, *CG&S* foi consagrada como nenhuma outra obra científica, literária ou mesmo artística. A própria Música não oferece exemplos de consagrações tão diferentes. Pois além de estudada em colóquios de eruditos, além de parafraseada em versos (21) e em drama teatral (24), recriada em música (25), reconstituída em exposição histórica (55) e dançada em desfile de escola de samba (33), *CG&S* popularizou-se em nome de loja, hotel e restaurante: um nome que tem a força permanente dos símbolos.

CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Casa-Grande & Senzala continua. Este ensaio, portanto, não pode concluir. Se o fizesse, estaria em contradição com a obra que procurou biografar. Como observa Robert Escarpit, a publicação de um livro representa um verdadeiro nascimento: "Esta violência criadora é a mesma dos partos: rompimento, separação dolorosa de uma parte, colocação em circulação de um novo ser autônomo e livre do outro". E diz ainda o grande especialista em sociologia dos fatos literários: "Guardadas as devidas proporções, poder-se-á comparar o papel do editor ao do parteiro: não é ele a fonte de vida, não é ele quem concebe nem quem dá uma parte de sua carne, mas sem ele a obra concebida e elevada aos limites da criação não anuiria à existência" (69, p. 99). Com efeito, a obra é um processo que se inicia com a concepção ou gestação e praticamente não acaba.

Quando o editor José Olympio qualificou a quarta edição de *CG&S* como *definitiva*, Gilberto Freyre sentiu-se na obrigação de esclarecer: "Definitiva dentro da relatividade que condiciona um ensaio da natureza deste, cuja objetividade depende, em grande parte, de novos avanços nas várias ciências e estudos em que se baseia. Isto sem falar nos aspectos, porventura ainda mais flutuantes, de sua subjetividade. As idéias e atitudes do autor. Seus pontos de vista. Os personalismos em que às vezes se alongam suas interpretações" (4-C p. 67).

Desde a segunda edição de *CG&S* vem Gilberto Freyre procurando incorporar à obra, como já vimos, as sugestões da crítica e de suas novas leituras e pesquisas. Nada mais natural do que esse enriquecimento da obra como conseqüência da troca de mensagens entre o criador e o consumidor de produtos culturais; ou entre o *emissor* e o *receptor*, para falar em termos de teoria da comunicação. Sobretudo numa obra "apoiada em teorias, hipóteses e sistemas inevitavelmente sujeitos a graduais revisões", como salientou Bernardo Gersen no primeiro de uma notável série de artigos dedicados ao que chamou, com muita propriedade, a "sociologia existencial" de Gilberto Freyre (35-A). No gráfico adiante reproduzido, Abraham Moles visualiza essa troca de mensagens culturais (79, p. 76).

Assim, *Casa-Grande & Senzala* continua; e este ensaio, que procura biografar uma obra "alive and well", não pode concluir. Poderia estender-se, não fora o limitado número de folhas exigido pelo regulamento do prêmio a que concorre. Um ponto importante que, por causa desse limite, deixou de ser explorado é o da ligação íntima entre a obra biografada e as que com ela compõem, como os movimentos de uma sinfonia, a *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*.

Observadores superficiais têm afirmado ser *Casa-Grande & Senzala* a única obra importante de Gilberto Freyre, enquanto alguns críticos e parece que o próprio autor consideram *Sobrados e Mucambos* superior. Na verdade — e como demonstrou Bernardo Gersen — *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* estão ligadas entre si como os diferentes romances que constituem *A Comédia Humana* de Balzac e *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust. No segundo artigo da série já citada, mostra Gersen as analogias entre as três obras de Gilberto Freyre e os referidos romances cíclicos de Balzac e Proust, bem como com *Guerra e Paz* de Tolstoi e até com *Ulysses* de Joyce.

Não nos esqueçamos, além disso, de que a última parte da *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, embora já explicitamente formulada, ainda se encontra na fase de *enformação: Jazigos e Covas Rasas*. Somente assim se explica — embora de modo algum se justifique — seja este ensaio uma biografia na qual foram omitidos os irmãos do biografado.

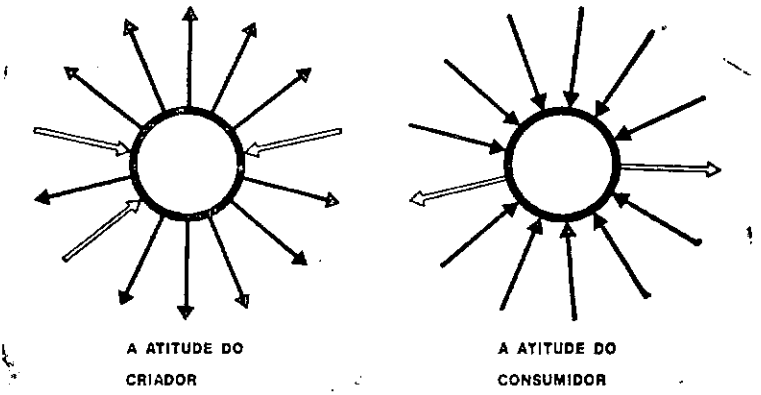

FIG. II-1. — *Atitude do criador e do consumidor de mensagens culturais.*

O criador é definido sociometricamente pelo grande número de mensagens que envia, relativamente ao número de mensagens recebidas; o consumidor é definido pela atitude inversa. Na conversa, a relação entre número de mensagens emitidas e número de mensagens recebidas é próxima de 1. Nos conciliábulos, na discussão de grupo ou da tribo, essa relação seria da ordem de 1/10, mais ou menos igual para cada participante. Nos sistemas com *leader*, estabelece-se uma dissimetria entre os diferentes participantes. A idéia de "consumidor" e de "produtor" de mensagens aparece na sociedade tecnológica. Os dois papéis são totalmente diferenciados pelo aparecimento de sistemas unidirecionais (radiodifusão) e a emergência de um meio criador restrito, incluído no meio consumidor. Assim constitui-se uma sociedade intelectual, verdadeira cidade autônoma, em todo caso isolada da sociedade global, e que pode ser comparada a um gueto (DUVIGNAUD).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A — De Gilberto Freyre

B — Sobre Gilberto Freyre

C — De outros trabalhos citados ou consultados

A — De Gilberto Freyre

1 Carta a Amy Lowell. New York, 11 de setembro de 1921. Manuscrito inédito existente na Houghton Library, Harvard University.

2 *Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century*. Submitted in partial fulfillment of the riquerements for the degree of Master of Arts in the Faculty of Political Science, Columbia University. New York, 1922. 2+38+2 p. Original datilografado existente na Butler Library, Columbia University.

2-A "Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century". *Hispanic American Historical Review* (Durham, N.C.) v. 5, n. 4, p. 597-630, November 1922.

2-B *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Tradução do original inglês revista pelo autor, por Waldemar Valente. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964 158 p.

3 *Livro do Nordeste*. Comemorativo do primeiro centenário do Diário de Pernambuco, 1825-1925. Recife, 7 de novembro de 1925. Recife, Officinas do Diário de Pernambuco, 1925. 192 p. + LXXII p. pre e pós textuais contendo anúncios.

3-A "Vida social no Nordeste; aspectos de um século de transição". In: *Livro do Nordeste* (ver n.° 3) p. 75-90. Reproduzido, com acréscimos e sob o título "Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil" em *Região e tradição* (ver n.° 12) p. 125-199.

4 *Casa-grande & senzala; formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarchal*. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt, 1933. xliv + 518 p.

4-A ——— 2. ed. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1936. xxxiv + 360 p.

4-B ——— 3. ed. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1938. xxxiv+364 p.

4-C ——— 4. ed., definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A).

4-D ——— 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A).

4-E ——— 6. ed. rev. pelo autor e acrescida de numerosas notas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1950. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A). Ao alto do título: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, I.

4-F ——— 7. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A).

4-G ——— 8. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A).

4-H ——— 9. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre. Primeira série).

4-I ——— 10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre. Primeira série).

4-J ——— 11. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre. Primeira Série).

4-K ——— 12. ed. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963. 589 p. (Biblioteca básica brasileira, 7).

4-L ——— 13. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966. 2 v.

4-M ——— 14. ed. Recife, Imprensa Oficial, 1966-70. 2 v.

4-N ——— 15. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. 2 v.

4-O ——— 16. ed. brasileira — comemorativa do jubileu de esmeralda de C.-G. & S. Ilustrações de Tomás Santa Rosa e Poty. Desenho a cores de Cícero Dias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. lxxxviii+573 p. Ao alto do título: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, I.

5 *Casa-grande & senzala; formación de la familia brasileña bajo el régimen de economia patriarcal*. Buenos Aires, Ministério de Justiça e Instrucción Pública, Comision Revisora de Textos de Historia y Geografía Americana, 1942. 2 v. (Biblioteca de autores brasileños traduccidos al castellano, VIII-IX).

5-A *Casa-grande & senzala; formación de la familia brasileña bajo el régimen de economia patriarcal*. 2. ed. Buenos Aires, Emecé, 1943. 2 v. (Col. Grandes ensaystas, dirigida por Eduardo Mallea, 3).

6 *The masters and the slaves; a study in the development of Brazilian civilization*. Translated from the Portuguese of the 4. and definitive Brazilian ed. by Samuel Putnam. New York, A. A. Knopf, 1946. lxxi+537+liv p.

6-A ——— 2. English-language ed., rev. New York, A. A. Knopf, 1956. lxxi+537+liv p.

6-B ——— Abridge from the 2. English-language ed., rev.: 1964. New York, A. A. Knopf, 1964. 433 p. (Borzoi books on Latin América, LA-2).

6-C ——— London, Werdenfeld & Nicholson, 1947.

6-D ——— London, Secker & Warburg, 1971. Ao alto do título: The history of Brazil.

7 *Maitres et esclaves* ... Traduit du portugais par Roger Bastide. Préf. de Lucien Febvre. Paris, Gallimard, 1952. 550 p. (La Croix du Sud, collection dirigée par Roger Caillois, 4).

8 *Casa-grande & senzala; formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa, Livros do Brasil, 1957. 525 p. (Col. Livros do Brasil, 32).

9 *Herrenhaus und Sklavenhütte: Ein Bild der brasilianischen Gesellschaft*. [Aus dem Portugiesischen von Ludwig Graf von Schönfeldf. Gilberto Freyre — Versuch einer Einführung in sein Werk, von Hermann Matthias Görgen] Köln, Berlin, Kiepenheuer & Witsch, 1955. 580 p.

10 *Padroni e schiavi; la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*. Introduzione di Fernand Braudel. Trad. di Alberto Pescetto. Torino, G. Einaudi, 1965. xv+544 p. (Nuova biblioteca scientifica Einaudi, 7).

11 "A propósito de um livro em 3a. edição". *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro) Anno I, n. 1, p. 33-40, julho 1938.

11-A "Africa". *Jornal do Commercio* (Recife) 1941. Recorte de jornal, infelizmente sem indicação mais detalhada; é reproduzido, porisso, em apêndice

12 *Região e tradição*. Pref. de José Lins do Rego. Ilustrações de Cícero Dias. 2. ed. Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1968. 261 p. (Col. Presença brasileira, 7) 1. ed.: 1941.

13 "O velho Boas". *Jornal do Commercio* (Recife) 21 janeiro 1943.

14 *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Pref. de Roberto Lyra Filho. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1968. 189 p.

B Sobre Gilberto Freyre.

15 ALBUQUERQUE, Moacir Borges de. *Linguagem de Gilberto Freyre*. Tese de concurso para provimento efetivo de uma das cadeiras de Português do Instituto de Educação de Pernambuco. Recife, Ed. do Autor, 1954. 68 p. Original datilografado existente na biblioteca do Instituto.

16 AMADO, Gilberto et alii. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte; ensaios sobre o autor de Casa-Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. 576 p. Os ensaios de maior interesse para a elaboração do presente ensaio estão referenciados pelos nomes dos respectivos autores.

17 AMADO, Jorge. "Casa-Grande & Senzala e a revolução cultural". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 30-36.

18 AYALA, Francisco. "Ubicación en la sociología de Gilberto Freyre". *Sur* (Buenos Aires) n. 12, p. 18-25, diciembre 1943.

19 AZEVEDO, Fernando de. "Gilberto Freyre e a cultura brasileira". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 64-73.

20 BALANDIER, Georges. "Maîtres et esclaves". *Cahiers Internationaux de Sociologie* (Paris) v. 16, p. 183-185, janvrier/juin 1954.

21 BANDEIRA, Manuel. "Casa-grande & senzala". In: ——— *Mafuá do Malungo; jogos onomásticos e outros versos de circunstância*. Barcelona, O Livro Inconsutil, 1948, p. 50-51. Publicado em 1934, este poema em 10 quadras vem sendo reproduzido nas sucessivas edições de *Estrêla da vida inteira; poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966, p. 335-336.

22 ——— "Gilberto Freyre poeta". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 79-84.

23 BASTIDE, Roger. "Casa-grande & senzala". *Mercure de France* (Paris) v. 317, p. 336-338, février 1953.

24 BORGES, José Carlos Cavalcanti. *Casa grande & senzala*. Comédia em 3 atos. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1970. 94 p.

25 CAPIBA, pseud. de Lourenço Barbosa. *Casa grande & senzala* Recife, 1961. Partitura de 8 p. (Suite nordestina, 4.º movimento). Reproduzida em Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 94-102.

26 CARNEIRO, Saul Borges. "Um livro premiado". *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro). Ano 4, n. 6, p. 149-150, março 1935.

27 CORRÊA, Roberto Alvim. "Gilberto Freyre". *A Manhã* (Rio de Janeiro) 10 e 17 setembro 1943. In: ——— *Anteu e a crítica; ensaios literários*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1948, p. 196-213.

28 CORREIA, J. Alves. "Uma synthese historica das missões portuguezas, os Jesuitas e Gilberto Freyre". *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro) ano 7, n. 4, p. 100-101, janeiro 1938.

29 DELANE, Charles. "Une histoire intime du Brésil". *L'Observateur* (Paris) 16 avril 1953.

30 DIAS, Carlos Malheiro. "Gilberto Freyre". In: ——— *Pensadores brasileiros*. Lisboa, Bertrand, 1934, p. 101-117.

31 DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. "Gilberto Freyre e os valores rurais da civilização brasileira". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 208-214.

32 DOWNEY, T. E. "The masters and the slaves". *Review of Politics* (Notre Dame, Ind.) v. 9, p. 266-268, April 1947.

33 ESCOLA DE SAMBA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. (Casa-grande & senzala. Samba de autoria de Comprido, Zagaia e Leleo. Sobre o des-

file, ver reportagem de Sérgio Cabral "Entusiasmo das escolas de samba pode fazer hoje na Avenida o maior espetáculo da terra", no *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) 4 março 1962.

34 FARIA,, Octavio de. "O Premio Felipe d'Oliveira de 1934". *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro) ano 5, n. 6, p. 141-149, março 1936.

35 FEBVRE, Lucien. "Brésil, terre d'histoire". In. Freyre, Gilberto. *Maitres et esclaves* (ver n.º 7) p. 9-21.

35-A GERSEN, Bernardo. "Uma sociologia existencial". *O Estado de S. Paulo* (São Paulo) 7 (p. 3), 14 (p. 6), 21 (p. 4) e 28 de julho (p. 6) e 4 de agosto (p. 6) de 1962, *(Suplemento Literário)*.

36 GRIECO, Agrippino. "Gilberto Freyre. Casa-grande & senzala". In: ——— *Gente nova do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935, p. 206-228. Reproduzido em *Poetas e prosadores do Brasil*. Rio de Janeiro, Conquista, 1968, p. 241-255.

37 HERRING, Hubert. "The masters and the slaves". *The New York Times Book Review* (New York) November 6, 1946, p. 2 e 73.

38 LIMA, Alceu Amoroso. "Gilberto Freyre visto por um católico". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 37-45.

39 LINS, Álvaro. "Regionalismo e universalismo". *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) 5 e 12 julho 1941. Reproduzidos em *Jornal de Crítica, 2. série*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, p. 202-222.

40 ——— "Casa-grande & senzala". *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) 12 e 19 dezembro 1943. Reproduzidos em *Atlântico* (Lisboa) n. 6, p. 187-189, 1945 e *Jornal de Crítica, 4. série*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946, p. 190-204.

41 MARTIN, Percy Alvin. "Casa grande & senzala. 2. ed.". *Handbook of Latin American Studies* (Cambridge, Mass.) v. 1, p. 216 e 217, 1937.

42 MELLO, José Antônio Gonsalves de. "Casa-grande & senzala: inovação e erudição". In: Freyre, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 14. ed. brasileira (15. em língua portuguesa) (ver n.º 4-M) t. 1, p. XIII-XVI.

43 MELLO FRANCO, Affonso Arinos de. "Casa grande & senzala". *O Jornal* (Rio de Janeiro) 15 fevereiro 1934.

44 PEREIRA, Astrojildo, "Simples opinião sobre Casa-grande & senzala". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 385-391.

45 PIERSON, Donald. "The masters and the slaves". *American Sociological Review* (Menasha, Wis.) v. 12, n. 5, p. 607-609, October 1947.

46 PIMENTEL, Osmar. "A margem de Casa grande & senzala". *Diário de Pernambuco* (Recife) 5 março 1944. Reproduzido no *Anuário Brasileiro de Literatura* (Rio de Janeiro) 1943/1944, p. 305-307, sob o título "Casa grande & senzala em edição definitiva".

47 POUILLON, Jean. "Maîtres et esclaves". *Les Temps Modernes* (Paris) n. 90, p. 1836-1838, mai 1953.

48 PRADO, Yan de Almeida. "Casa grande & senzala". *Literatura* (Rio de Janeiro) 20 janeiro 1934.

49 REALE, Miguel. "Notas à margem de Casa grande & senzala". *Ação* (São Paulo) 16 outubro 1936.

50 ——— "A filosofia da história do Brasil na obra de Gilberto Freyre". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 405-411.

51 REGO, José Lins do. "O próximo livro de Gilberto Freyre". *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro) ano 3, n. 2, p. 35, novembro 1933.

52 ——— "Notas sobre Gilberto Freyre". *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro) ano 4, n. 32, p. 5-14, fevereiro 1941. Reproduzido como prefácio em Freyre, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941, p. 9-21. 2. ed. (ver n.º 12) p. 21-35.

53 "REPERCUSSÃO de Gilberto Freyre no estrangeiro". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 568-576.

54 RIBEIRO, João. "Casa grande & senzala". *Jornal do Brasil*, (Rio de Janeiro) 31 janeiro 1934. Reproduzido na obra póstuma do autor *Crítica. v. IX: Os modernos* (organização e prefácio de Múcio Leão). Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952, p. 274-277.

55 RODRIGUES, Abelardo. *Casa grande & senzala*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963. 13 p. Catálogo de exposição comemorativa do 30.º aniversário da publicação de *CG&S*.

56 RODRIGUES, José Honório. "Casa-grande & senzala, um caminho novo na historiografia". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 434-441.

57 ROQUETTE-PINTO, Edgard. "Casa-grande & senzala". *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro) ano 3, n. 5, p. 116, fevereiro 1934. Reproduzido em *Literatura* (Rio de Janeiro) 5 fevereiro 1934.

58 ROUSSEAU, André. "Maîtres et esclaves". *Le Figaro Littéraire* (Paris) mars 1953.

59 SAENZ-HAYES, Ricardo. "Gilberto Freyre y la formación social brasileña". In: Freyre, Gilberto. *Casa-grande & senzala* (ver n.º 5) p. 13-51.

60 VALENTE, Waldemar. "Gilberto Freyre e a valorização do negro". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 496-514.

61 VIANA FILHO, Luís. "Gilberto Freyre e a valorização do negro". In: Amado, Gilberto et alii (ver n.º 16) p. 533-537.

C — De outros trabalhos citados ou consultados

62 ASTRUC, Louis. *Créativité et sciences humaines; intégration d'une structure créatrice dans la psychologie, larecherche scientifique et la psychopathologie*. Paris, Maloine, 1970. 413 p.

63 BARBOSA LIMA SOBRINHO, A. J. "Oliveira Lima: sua vida e sua obra". In: Oliveira Lima, Manuel de. *Obra seleta,* organizada sob a direção de Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1971, p. 17-131 (Col. Centenário, promovida pelo Conselho Federal de Cultura).

64 BASTIDE, Roger. *Anthropologie appliquée*. Paris, Payot, 1971. 245 p. (Petite bibliothèque Payot, 183).

65 BRIL, Jacques. *L'invention comme phénomène anthropologique*. Préf. de Charles Crussard. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1973. 191 p.

66 CARPEAUX, Otto Maria. *Origens e fins*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943. 402 p.

67 CASTANEDA, Carlos. *The teachings of don Juan: a Yaqui way of knowledge*. New York, Ballantine Books, 1968. 276 p.

68 ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo, Perspectiva, 1968. 277 p. (Col. Debates, 4).

69 ESCARPIT, Robert. *Sociologia da literatura*. Trad. de Anabela Monteiro e Carlos Alberto Nunes. Lisboa, Arcádia, 1969. 224 p. (Biblioteca Arcádia de bolso, 73-74).

70 ——— *La révolution du livre*. 2. éd. rev. et mise à jour, 1969. Paris, Unesco, 1972. 168 p.

71 FRIEDMAN, Samy. "Foreword". In: Unesco. *Main trends of research in the social and human sciences. Part one: Social sciences*. Paris, Mouton, 1970, p. xxix-xlvii.

72 FURTADO, Celso. "Adventures of a Brazilian economist". *International Social Science Journal* (Paris) v. 25, n. 1/2, p. 28-38, 1973.

73 GIDE, André. *Prétextes; réflexions sur quelques points de littérature et de morale*. Paris, Mercure de France, 1903. 308 p.

74 LAWRENCE, Thomas Edward. *Cartas de T. E. Lawrence,* reunidas por David Garnett. Trad. de Patrício Canto. Buenos Aires, Sur, 1944. 889 p.

75 MAINI, S. M. & NORDBECK, B. "Critical moments, the creative process and research motivation". *International Social Science Journal* (Paris) v. 25, n. 1/2, p. 190-204, 1973.

76 MARROU, H. — I. *Do conhecimento histórico*. Trad. de Ruy Belo. Lisboa, Aster, [s. d.] 239 p.

77 MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mímese (ensaios sobre lírica)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972. 227 p.

78 ——— *Saudades do carnaval; introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972. 283 p.

79 MOLES, Abraham A. *Sociodynamique de la culture*. Paris, Mouton, 1967. 342 p.

80 ——— *A criação científica*. Trad. de Gita K. Guinsburg. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo e Ed. Perspectiva, 1971. 292 p. (Col. Estudos, 3).

81 PLATÃO. *The Dialogues of Plato*. Transl. by Benjamin Jowett. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1952. 814 p. (Great books of Western world, 7).

82 POE, Edgar Allan. "The philosophy of composition". In: ——— *Selected prose and poetry*. Rev. ed. Edited with an introduction by W. H. Auden. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1950, p. 421-431. Tambem in: ——— *The complete poems and stories of Edgar Allan Poe, with selections from his critical writings*. New York, A. A. Knopf, 1958, v. II, p. 978-987.

83 RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo, Ed. Nacional, 1969. 283 p. (Brasiliana. Série grande formato, v. 20).

84 STRAVINSKI, Igor. *Poética da música*. Tradução: Maria Helena Garcia. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1971. 186 p. (Diálogo, 14).

85 TATON, René. *Causalidade e acidentalidade das descobertas científicas*. São Paulo, HEMUS, [s. d.] 167 p.

86 UNAMUNO, Miguel de. *Paisajes*. Estudio y edición de Manuel Alvar. Madrid, Ed. Alcalá, 1966. 75 p. (Col. Aula magna, 6).

87 VEYNE, Paul. *Como se escribe la historia; ensayo de epistemologia*. Traduccion: Mariano Muñoz Alonso. Madrid, Fragua, 1972. 367 p. (Colección F).

88 WALLACE, Irving. *The writing of one novel*. London, New English Library, 1968. 254 p. (NEL Mentor, 012158).

89 WALLACE, Irving. *Originais fabulosos*. Trad. de Lívio Dantas. Rio de Janeiro, Artenova, 1973. 301 p.

90 ZALAMANSKY, Henri. "Le processus de la communication littéraire". In: Escarpit, Robert & Bouazis, Charles, ed. *Systèmes partiels de communication*. Paris, Mouton, 1972, p. 157-172 (Publications de la Maison des Sciences de l'Homme de Bordeaux).

"Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century"

by

Gilberto Freyre

Submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts in the Faculty of Political Science Columbia University.

Original datilografado existente na Butler Library, Columbia University

Reprinted from THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW,
Vol. V, No. 4, November, 1922

SOCIAL LIFE IN BRAZIL IN THE MIDDLE OF THE NINETEENTH CENTURY

> . . . l'histoire intime; c'est ce roman vrai que la posterité appelera peut-être un jour l'histoire humaine.
> —LES GONCOURTS.

The following essay is an attempt to make clear to myself what the Brazil of the middle of the nineteenth century was like or, to use Walter Pater's words when asked what he studied history for, to know "how people lived, what they wore and what they looked like". In a way, the preparation for it was unconsciously begun years ago when, as a child, I used to ask questions of my grandmother about the "good old days". She was then the only one in our family to admit that the old days had been good; the others seemed to be all "futurists" and "post-impressionists" of some kind or other. But in studying, more recently, my grandmother's days, I have approached them neither to praise nor to blame—only to taste the joy of understanding the old social order.

To do this was even a more difficult task than I had imagined it to be. I had to fight my way through the accounts of prejudiced, uncritical, and superficial minds—through periodicals, lithogravures, manuscripts, books of travel, and diaries. I turned to foreigners as the most dependable of all the social critics of the period—a period about which Brazilian writers have written either to glorify or to blame, never with a fair spirit of criticism. I found my material in the Hispano-americana of Dr. Oliveira Lima in the Catholic University, Washington, D. C., the New York Public Library, and the Library of Congress. Dr. Oliveira Lima's Library—probably the most select of its kind in America or Europe—has not yet been opened to the public and I owe to his kindness the honor of having been the first investigator to use it.

LIVRO DO NORDESTE

COMMEMORATIVO

DO

PRIMEIRO CENTENARIO

DO

DIARIO DE PERNAMBUCO

1825-1925

RECIFE

7 DE NOVEMBRO DE 1925

OFFICINAS

DO

DIARIO DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO

BRASIL



VIDA SOCIAL NO NORDESTE

ASPECTOS DE UM SECULO DE TRANSIÇÃO

Por GILBERTO FREYRE

Comparando o Nordeste de 1825 com o de 1925 tem-se quase a impressão de dois países diversos.

A propria paizagem, o proprio physico da região, alterou-se profundamente. E' outra, a sua crosta. Outra, a physionomia.

Perdeu a paizagem aquelle seu ar ingenuo dos flagrantes de Koster e de Henderson para adquirir o das modernas photographias de uzinas e avenidas novas.

Be rando os cannaviaes e algodoaes e pastagens correm linhas telegraphicas, fios de telephone, vias ferreas; pelo barro molle e por essa como areia de praia que, no littoral, é ás vezes no "agreste", range sob os pés e pelo gneiss duro em que se afinzeiram os caminhos mais para o interior, em vez de carros de boi levando aos engenhos canna madura e liteiras conduzindo sinhazinhas para as festas de baptisado e carruagens a trote doce — rodam autos, espadanando areia, roncando.

E ao longo dos caminhos movimentados pela "Great Western" e pelos "Hudsons" e "Fords" e "Studebakers" contrastam os montes a sangrar e como que rapados a unha de sua vegetação com as áfricas chans "coberias de matto denso"; e já se não succedem entre leguas de cannaviaes, os casarões vastos de outr'ora, de uma alvura franciscana de cal e ás vezes côr de ocre amarello, tendo perto o longo telheiro avermelhado do engenho e a casa de purgar e a da farinha e a capella tambem muito branca de cal; elevam-se uzinas, as arr'vistas da paizagem, fumando insolentemente charutos negros, enormes; ostentando letr'ras de firmas commerciaes das cidades. A estas pertencem hoje em Pernambuco, segundo o Sr. Julio Bello, metade das terras ruraes.

As cidades muito se modificaram com a construcção, sobre modelos europeus do seculo decimonono, de gares, mercados, bancos; com a tracção electrica; com os novos typos de residencia de uma architectura de confe tarin; com a preoccupação da linha recta á americana, que por completo alterou, em varios bairros do Recife, o á vontade antigo das ruas.

Quanto á paizagem social, este seculo tem sido de verdadeira transmutação. Ha que fixar principalmente a acção directa ou indirecta: da nova technica de producção ou utilização economica; da nova technica de transporte; do mais intimo e mais largo contacto com o extrangeiro; de crises e perturbações do clima que, nestes com annos, dansou verdadeira dansa de São Guido; de crises e perturbações nos mercados consumidores dos nossos productos, destacando-se a guerra de secessão nos Estados Unidos e a guerra européa de 1914.

O proprio anno de 182', que nos serve chronologicamente de ponto de partida, começou para o Nordeste com uma crise de clima pungentissima nas suas consequencias sociaes. Começou como em geral terminam os annos velhos nas caricaturas de Anno Bom: cheio de infortunios e horrores.

Nesse anno, estando ainda a sangrar as feridas da revolução de 1824, uma secca terrivel, das mais terr'veis por que tem passado a região, extendeu até os engenhos de canna os horrores da fome. E só dum grande "pombal negro" — o do Convento de São Bento na Parahyba — morreram trinta escravos. Isto em "pleno brejo". Em pleno região de fartura. E do proprio "brejo" sahiam mocambos para o sertão "a usar da chiquichique para comer", segundo refere um chronista da epocha.

Dessas crises de clima muito tem soffrido, com a economia, a moral social no Nordeste. As seccas forçam as familias do sertão nordestino a um "deracinement" sempre perigoso: deslocam-se essas familias em condições de humilhante inferioridade. O sertanejo, habituado á sufficiencia economica que lhe dá o plantio, por elle e pelos seus, do feijão, do gerimum, da melancia, do algodão e do milho e ao trabalho em commum da "farinhada", vê-se de repente obrigado a descer ao "brejo" e a farejar a farinha do "brejeiro", por elle desdenhado. E chegam as familias sertanejas ao "brejo" e aos engenhos e ás cidades, "retirantes" e ás dezenas; e muitas vezes se dispersam em retalhos, grandes familias patriarchaes. E a familia sertaneja, habituada a crescer e multiplicar-se, divide-se e reduz-se. Inverte-se a arithmetica demographica.

Da secca de 1845 registrou em livro celebre Rodolpho Theophilo que deslocara a população do interior para atirar nas casas de Fortaleza "mendigos de todas as classes". Essas exodos baralham os "retirantes" como para uma nova partida de "poker" em que as cartas fossem valores humanos e os "reis" ficassem de repente eguaes a "quinas".

Da secca de 77 conta o Sr. José Americo de Almeida em paginas que ás vezes se agucam num sabôr tragico de romance russo, que "os paes distribuiam os filhos pelas casas mais resguardadas da miseria para uma condição servil que ainda subsiste, nos serviços domesticos por todo o interior". E quanto á "concrea tradicional do sertão", refere o mesmo escriptor que andava em 77 "exposta á indole viciosa dos quê fariscavam o ultimo thesouro de um patrimonio sossobrado. O instincto da raça que estava acostumado a purgar com sangue essas deshonras, andava entorpecido e fraquejava sem movimento de punição reparadora. E muita vez, esses libertinos apodrecidos aguardavam quê se extinguisse com a morte a possibilidade dos arrancos de dignidade mal ferida para avermelharem num momento de gozo contrastante o luto de donzellas orphanadas. As formas servadas por longas privações, esses corpos desfeitos e corrompidos pelos fetidos symptomas da fome como que infundiam perversões sexuaes". Dahi "a vasta prostituição da historia das seccas. Raparigas criadas no recato do lar sertanejo vendem, ás vertigens da fome, a virgindade a baixo preço."

Explica-se aliás que se agucem a sensualidade e enlanguesca o pudor no promiscuo das retiradas; no archythmico da vida de cigano a que se reduz, com o horrivel das seccas, a vida dum povo por natureza sedentario como o sertanejo; no improvisado das palhoças de soccorro como aquellas em que os retirantes de 77 "amontoavam-se que nem bichos". A vida de familia exige rhythmo; exige fixidez; exige condições de permanencia. E as seccas trazem a promiscuidade, forçam a dispersão.

No sertanejo do Nordeste o gosto não é o da miseração; é o da fixidez. "O nomadismo não o seduz", escreve do sertanejo plagiando o Sr. Moreno Brandão. E é a familia, pelo sertão todo, estranhamente sensivel ás suas raizes. Difficil, portanto, de habituar-se a meio d'verso. A differente clima moral. Donde a sua grande necessidade de vigor em condições de permanencia. Necessidade a um tem-

GILBERTO FREYRE

CASA-GRANDE & SENZALA

FORMAÇÃO DA FAMILIA BRASILEIRA
SOB O REGIMEN DE ECONOMIA
PATRIARCHAL

MAIA & SCHMIDT L.TDA
RIO — 1933



Gilberto Freyre em 1933 (fotografia que ilustra o artigo de Roquette-Pinto em *Literatura* (referência bibliográfica nº 57)